

**blimunda**  
**77**

**20 anos  
do nobel**

**PILAR DEL RITO**

**PEDRO SÁNCHEZ**

**O LA GARTO**

**ANTÓNIO COSTA**

**DIODADO VITI**

**RICARDO VIEL**

**ROBERTO SARAIVA**

**CARLOS REIS**

**JERÓNIMO DE SOUSA**

**MENSAL OUTUBRO 2018 FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO**

**Editorial 5**

**Como se fosse um triunfo nosso**

**Leituras 7**

Sara Figueiredo Costa

**Estante 14**

Andreia Brites e Sara Figueiredo Costa

# 20 anos prémio Nobel 22

Sara Figueiredo Costa

## O lagarto no White Raven 63

Andreia Brites

## And The winner Is... 76

Andreia Brites

## Espelho Meu 77

Andreia Brites

## Agenda 20 anos nobel 83

## Epígrafe 88

---

**blimunda n.º 77 outubro 2018**

DIRETOR

Sérgio Machado Letria

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Andreia Brites

Ricardo Viel

Sara Figueiredo Costa

REVISÃO

FJS

DESIGN

Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago  
[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

Casa dos Bicos

Rua dos Bacalhoeiros, 10 – 1100-135 Lisboa – Portugal

[blimunda@josesaramago.org](mailto:blimunda@josesaramago.org) – [www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

N. registo na ERC 126 238

Os textos assinados são da responsabilidade dos respetivos autores.

Os conteúdos desta publicação podem ser reproduzidos

ao abrigo da Licença Creative Commons

---

**Fundação José Saramago**  
**The José Saramago Foundation**

# Casa dos Bicos



## Onde estamos Where to find us

Rua dos Bacalhoeiros, Lisboa

Tel: (351) 218 802 040

[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

[info.pt@josesaramago.org](mailto:info.pt@josesaramago.org)

Como chegar Getting here

Metro Subway

Terreiro do Paço (Linha azul Blue Line)

Autocarros Buses

25E, 206, 210, 711, 728, 735, 746, 759, 774, 781, 782, 783, 794

# Seg a Sáb Mon to Sat 10-18h 10 am to 6 pm

# COMO SE FOSSE UM TRIUNFO NOSSO

No dia 8 de outubro de 1998, José Saramago tornou-se o primeiro, e até agora único, Prémio Nobel da Literatura em língua portuguesa. «O mais alto dos prémios não pode inventar o que não existe. Dá-o a ver e proporciona-nos a alegria de nos rever nele como portugueses. Mais nada se lhe pode pedir», escreveu Eduardo Lourenço no jornal *Público* do dia seguinte ao anúncio do galardão.

A efusiva receção da notícia em Portugal surpreendeu e emocionou José Saramago, que disse sentir-se como se cada português tivesse crescido três centímetros com a sua conquista: «Todo o mundo aqui se sentiu mais alto, mais forte, mais lúcido, com mais esperança, pelo simples facto de que um escritor português tenha o Prémio Nobel». O crítico literário Eduardo Prado Coelho escreveu que, nos dias posteriores à distinção literária, o país «levantou-se em alegria».

A euforia pela consagração de José Saramago atravessou as fronteiras portuguesas e foi para além de Espanha, país escolhido pelo autor de *A jangada de pedra* para viver a partir de 1993, quando se mudou para a ilha de Lanzarote, nas Canárias. «José Saramago é um dos grandes escritores deste século e o seu Prémio Nobel é um dos mais justos. O júbilo que isto causa nos países de língua castelhana, como se fosse um triunfo nosso, confirma o que alguns de nós, escritores, temos vindo a dizer desde há muito tempo: a literatura ibero-americana é só uma», referiu Gabriel García Marquez na altura. A sua frase reforça a ideia de que o contentamento pela conquista do primeiro Nobel para a língua portuguesa se espalhou pelo grande território que forma a América Ibérica.

Com o intuito de recordar aqueles dias de alegria em que a literatura esteve na rua, no topo dos noticiários e na ordem do dia da política, a Fundação José Saramago preparou, em parceria de diversas entidades, um extenso programa de atividades. Desde o dia 6 de outubro até 15 de dezembro, em vários lugares do mundo, José Saramago e a língua portuguesa serão homenageados. A publicação desta edição da *Blimunda* faz parte destas comemorações.

## **Odyr, Orwell e a actualidade** ***Estamos aqui obviamente sofrendo com nostalgias militaristas e fantasias ditatoriais que usam paranoia e desinformação como ferramentas***

O autor brasileiro Odyr acaba de lançar o seu novo trabalho, *A Revolução dos Bichos* (Companhia das Letras), uma adaptação de *O Triunfo dos Porcos*, de George Orwell, para banda desenhada. Em entrevista ao site *Vitralizado*, Odyr responde a várias perguntas sobre o processo de adaptação e criação desta nova narrativa, mas igualmente a questões que relacionam a obra de Orwell com a actualidade, nomeadamente a brasileira.

**«O livro do George Orwell foi escrito durante a Segunda Guerra Mundial, em um contexto de conflitos bélicos e ideológicos aflorados. Como *A Revolução dos Bichos* ainda se faz relevante nos dias de hoje? Você vê alguma relação do quadrinho a realidade brasileira atual?»**

O livro vai ser atual sempre, porque os piores instintos do ser humano vão continuar sempre existindo – o desejo por poder, a covardia da cumplicidade com esse poder e a trágica aceitação desses abusos. Mas sim, o mundo parece estar num momento particularmente tenso para a democracia, para a igualdade e para o livre pensamento. Estamos aqui obviamente sofrendo com esse vírus também, com nostalgias militaristas e fantasias ditatoriais que usam paranoia e desinformação como ferramentas, exatamente como os porcos fazem no livro.»

E, mais adiante:

**«Chama atenção no livro a sua fidelidade ao texto original. Você sempre esteve decidido a reproduzir ao máximo o texto**

do Orwell? Por que a sua escolha por essa manutenção do texto original?

Sim, ainda que obviamente usando uma porcentagem muito pequena do texto, não tem uma palavra ali que não seja do Orwell. Também não tem grande edição da minha parte em alterar a ordem dos acontecimentos ou propor um tom diferente ao livro. Minha ideia era realmente fazer uma adaptação fiel em espírito, já que o livro me parece funcionar perfeitamente no que se propõe – as escolhas estão em cenas ou personagens cortados ou, ao contrário, em cenas expandidas. Aí entra a personalidade de quem adapta – estar mais interessado em algumas coisas, menos em outras.» 

## **Brasil: a democracia à beira do fim** ***A vitória de Bolsonaro só se torna um evento provável porque pessoas bem intencionadas, pacíficas, civilizadas, muito distantes do estereótipo boçal de seus apoiadores iniciais, estão aderindo a ele.***

Christiana Martins, jornalista brasileira a viver em Portugal há vários anos, assina, no *Expresso*, um texto tão lúcido como devastador sobre o Brasil, poucos dias antes da segunda volta das eleições presidenciais que poderão ditar o fim da democracia brasileira.

«Sinais: um compositor e professor de capoeira de 63 anos terá sido morto num bar em Salvador, estado da Bahia, depois de ter dito que votara no PT. Um dos responsáveis por partir ao meio uma placa em homenagem à vereadora Marielle Franco, assassinada em março deste ano, foi o eleito com o maior número de votos para a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro.

É preciso sublinhar que os eleitores brasileiros não são inimputáveis, não são crianças, não são diminuídos mentais. Quem votou fez o que quis. Como quis. Não é porque o sotaque é mais doce, o sorriso mais aberto, o balanço do corpo mais fluido que eles não são seres racionais. São. Foram. E porque são adultos, têm de ser responsabilizados. Eu aceito o resultados, eles terão de prestar contas. E nós teremos de aprender a cobrar a dura fatura que já se

antevê. Estamos todos avisados.

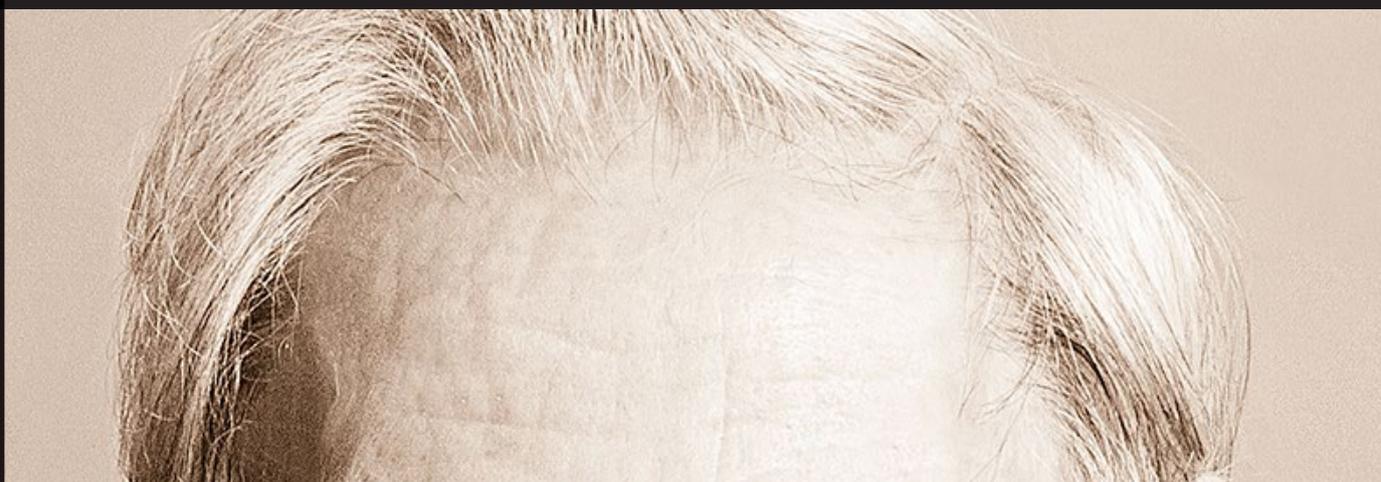
Os eleitores de Jair Bolsonaro não são analfabetos, iliterados, nem têm déficit cognitivo. A "Folha de São Paulo" já analisou os resultados e constatou que "nos 25% dos municípios com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mais alto, Bolsonaro teve média de 58% dos votos". Sabem ler e souberam escrever, embora nem fosse necessário, bastava digitar alguns botões.

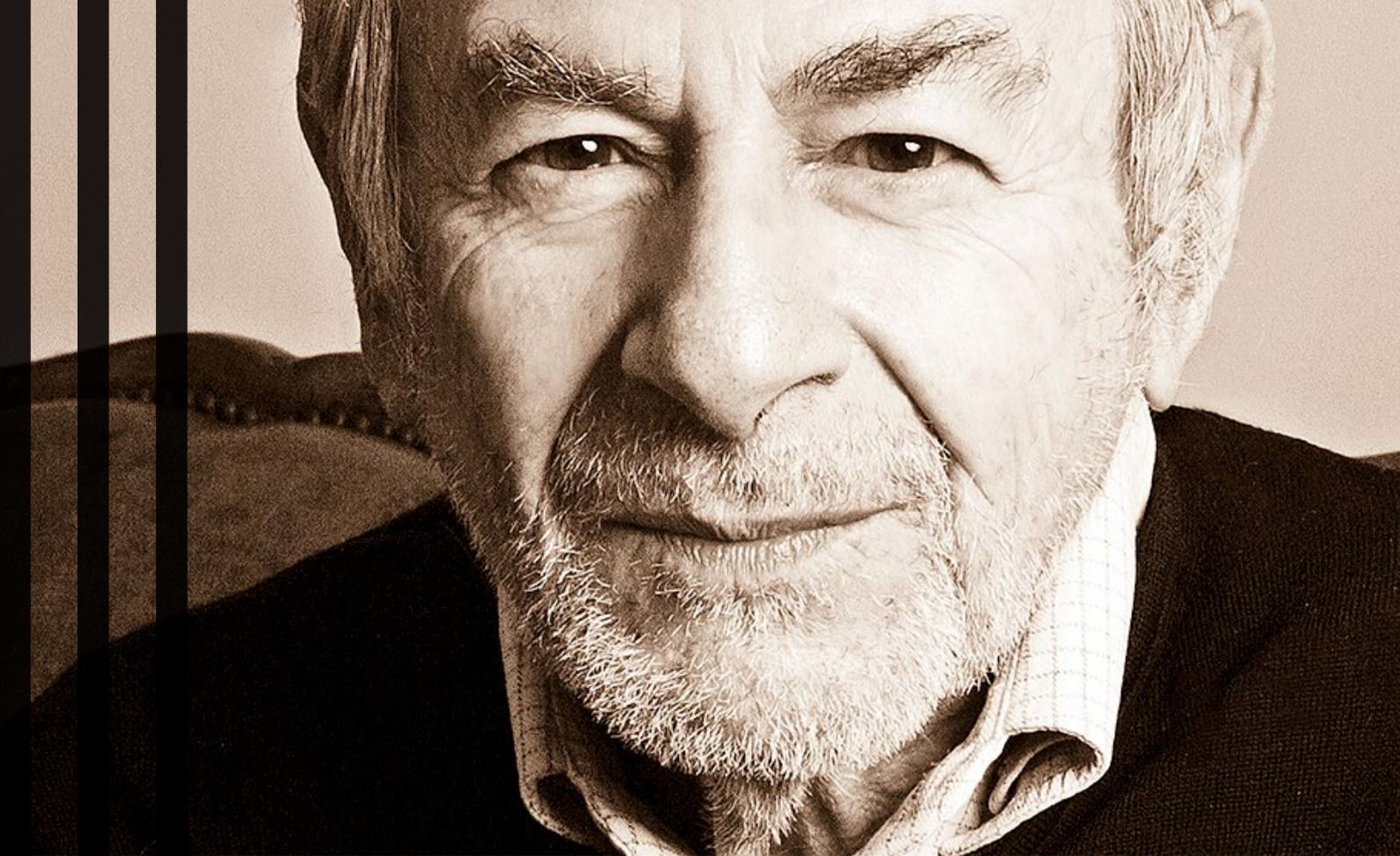
Não repitam, portanto, a ideia de que estes votantes são apenas pessoas de bem que querem a ordem e o progresso do país e que, se não for o capitão reformado, o caos será o destino do Brasil. Essas pessoas não foram ao engano, não podem invocar a banalidade do mal. Sérgio Rodrigues, escritor premiado em Portugal com "O dribble" - um romance sobre o desporto-pátrio -, deixou o alerta na nova praça pública que são as redes sociais, dias antes da votação: "A vitória de Bolsonaro só se torna um evento provável porque pessoas bem intencionadas, pacíficas, civilizadas, muito distantes do estereótipo boçal de seus apoiadores iniciais, estão aderindo a ele. É o que chamo, citando a filósofa Hannah Arendt, BANALIDADE do mal. A banalidade do mal à brasileira".» [↘](#)

## **90 anos de Manifesto Antropófago** ***A própria noção de "Ocidente", como distinto do resto do mundo, foi uma estratégia progressivamente montada para facilitar o domínio colonial, que funda e sustenta a chamada modernidade.***

Cumpriu-se este ano o 90º aniversário do «Manifesto Antropófago», de Oswald de Andrade, no primeiro número da *Revista de Antropofagia*. Os ecos desse texto definiram parte considerável da cultura brasileira do século XX e continuam a fazer-se sentir hoje, quase um século depois. No Suplemento *Pernambuco*, um artigo de Evando Nascimento analisa esses ecos, contextualiza o trabalho de Oswald de Andrade e reflecte sobre o presente brasileiro à luz das teorias da antropofagia. Um excerto: «O legado maior do movimento an-

tropofágico foi nos ajudar a ter menos complexos por não fazermos parte das nações hegemônicas. No momento em que a própria noção de hegemonia tem sido criticada por ativismos sociais como feminismo, cultura LGBTI, antirracismo e indigenismo, entre outros, me parece que essa perspectiva anti-etnocêntrica é, mais do que nunca, essencial. Atente-se sobretudo para o fato de que, numa era da cultura planetária, não faz mais sentido a oposição simples entre “lá” e “cá”. Ou entre centro e periferia como entidades ontológicas. Há tempos se descobriu que a periferia habita o centro, e grande parte da periferia hoje está no centro das atenções. Nesse contexto é que o conceito de civilização como um ideal ocidental tem sido sistematicamente questionado, em prol de um valor de universalidade que inclua culturas menos valorizadas historicamente. Isso não implica cair num relativismo, em que tudo possa ser aceito, desrespeitando os direitos humanos, por exemplo, em proveito de qualquer particularismo cultural. O que um movimento como a antropofagia fez historicamente foi abalar a visão estereotipada do outro, quer dizer, nós mesmos que habitamos as Américas de Norte a Sul, ou qualquer parte do globo que sofreu um violento processo de colonização, com extinção de grande parte das culturas autóctones. Os assim nomeados (não sem equívocos) “índios” podem ter sua cultura novamente apreciada, sem oposição simples com o “civilizado”. Afinal, como lembra um dos maiores especialistas no assunto, Carlos Jáuregui, ninguém foi mais “antropófago” ao longo dos últimos séculos de história mundial do que o colonizador europeu. Foi este quem consumiu inúmeras vidas humanas, enriquecendo-se com a sevícia dos negros africanos e dos indígenas americanos. A própria noção de “Ocidente”, como distinto do resto do mundo, foi uma estratégia progressivamente montada para facilitar o domínio colonial, que funda e sustenta a chamada modernidade.

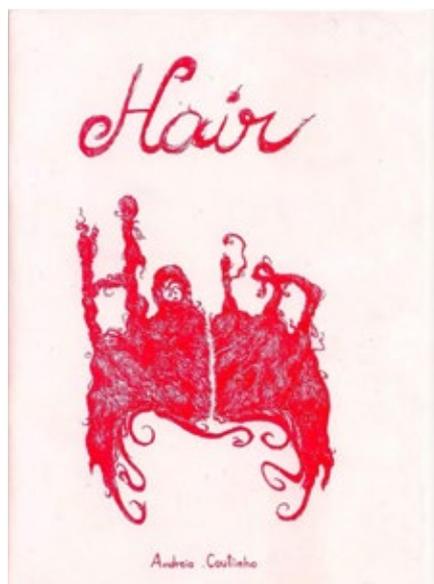




## **Raduan Nassar pela democracia *o Governo de Temer foi desastroso. Mas o que pode vir aí é ainda pior.***

«Enquanto aquece pacientemente a água para o café, recusando toda e qualquer ajuda, Raduan Nassar lança um aviso: “Não sou filiado em nenhum partido político, mas tenho de me posicionar.” “Todos temos”, acrescenta rapidamente.» Assim começa o artigo de João Ruela Ribeiro sobre Raduan Nassar e o recente posicionamento público do autor brasileiro perante a hipótese de uma derrocada da democracia no Brasil. Pouco dado a entrevistas e a aparições públicas, o escritor conversou com o *Público* sobre as posições que tomou nos últimos anos da política brasileira, opondo-se à destituição de Dilma Rousseff ou à prisão de Lula da Silva e usando parte do discurso no momento em que recebia o Prémio Camões (em 2017) para mostrar a sua contrariedade perante o governo de Michel Temer. Agora, com a ameaça da eleição de Jair Bolsonaro para a presidência do seu país, Raduan Nassar volta ao espaço e à palavra pública: «Nassar diz que “o Governo de Temer foi desastroso” e que houve políticas que podem ser consideradas de “lesa-pátria”, como a abertura da exploração das grandes reservas de petróleo e gás no litoral do Brasil, o chamado “pré-sal”, à iniciativa privada. “Mas o que pode vir aí é ainda pior”, afirma, referindo-se a Bolsonaro, que apelida, sem contemplações, de “fascista”.»

## CABELO-BANDEIRA



**HAIR**

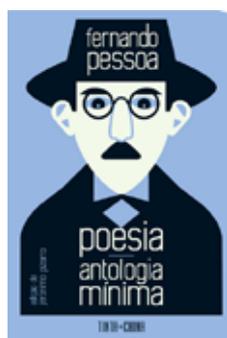
**Andreia Coutinho**  
**Sapata Press**

Olhar para os retratos de Angela Davis nos anos 70 do século passado é reconhecer uma imagem de luta e resistência. Mesmo que não se saiba quem foi Angela Davis, a activista norte-americana pelos direitos civis, das mulheres, dos negros, de tanta gente, ou que se possa não reconhecer imediatamente o seu rosto, a imagem permanece. E o cabelo orgulhosamente “afro” da protagonista assume um papel forte nessa permanência. Podemos dizer que cabelo é cabelo e cada um tem aquele com que nasce, mas dizê-lo não serve para desvalorizar o que o aspecto pode revelar quando se trata de identidade; é, pelo contrário, assumir isso mesmo, reconhecendo na total liberdade de um cabelo crespo, que cresce em volume e não tenta esconder as suas características, um modo de afirmar aquilo que se é, aquilo que não se está disposto a esconder ou sequer a disfarçar.

Numa pequena plaquete publicada este ano pela Sapata Press, Andreia Coutinho reflecte sobre isso mesmo a partir da sua própria história. *Hair* é uma narrativa autobiográfica, cruzando a linguagem da banda desenhada com muito texto, sobre a relação da narradora com o seu cabelo. E aquilo que poderia parecer um mero gesto quotidiano – se ainda acharmos que um cabelo é só um cabelo – acaba por revelar-se um ponto de partida fértil em elementos para uma reflexão sobre como tanto se pode guardar e mostrar, construir

e perceber, a partir do alto da cabeça.

Com desenhos de traço fino, quase riscado, a compor imagens onde realismo e fluidez da imagem se equilibram, a narrativa recua à infância para da protagonista para estabelecer o seu percurso, explicando a pertinência do tema: «Então, presumo que se estão aí perguntando “Porquê cabelo (hair). Bom, basicamente, a minha “interminável” viagem para entender o meu é quase tão longa quanto a minha vida.» Sucedem-se os diferentes momentos que marcaram esta viagem, como lhe chama a narradora, dos penteados que a mãe lhe fazia nos primeiros anos de vida – e que podiam demorar algumas horas, como acontecia na fase das tranças – às primeiras escolhas individuais assumidas na adolescência. Óleos protectores, cremes alisantes e respectivas consequências, nomeadamente para a pele, diferentes cortes. Até que começa a chegar informação sobre os prejuízos dos produtos que pretendiam transformar o cabelo finamente encaracolado numa cabeleira lisa. E chega, logo depois, o documentário *Good Hair*, de Jeff Stilson, revelando uma história da afirmação da cultura afro-americana onde os cabelos assumem papel central. A partir daí, nada será igual, nem no penteado, nem na cabeça da protagonista, agora detentora de uma afro – assim se chama o cabelo crespo natural, longo e volumoso – que, mais do que uma escolha estética, é uma afirmação identitária. Em doze páginas de pequeno formato, impressas unicamente a vermelho, *Hair* cruza esse percurso pessoal com uma noção de identidade que guarda o orgulho, a tradição e a vontade de a revolucionar. Sempre com a certeza de que cada pessoa é o mundo e o lugar que nele decide ocupar, ainda que mudando tudo na sua história – cabeça, vontade, consciência e até cabelo –, às vezes mais do que uma vez.



## ANTOLOGIA MÍNIMA

**Fernando Pessoa**  
**Tinta da China**

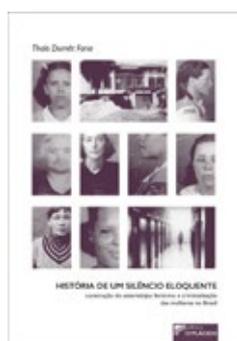
Com organização de Jeronimo Pizarro, esta antologia recolhe os textos essenciais de Fernando Pessoa e respectivos heterónimos, entre eles a «Ode marítima», «Tabacaria», «Chuva oblíqua», «O guardador de rebanhos» ou «Autopsicografia», acrescentando-lhes alguns poemas menos óbvios, mas ainda assim essenciais na obra do autor.



## CANÇÕES DO AR E DAS COISAS ALTAS

**João Pedro Mésseder**  
**Rachel Caiano**  
**Caminho**

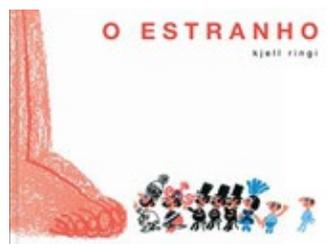
Depois do poema curto, aparentado é inspirado no tradicional hai ku japonês, João Pedro Mésseder oferece canções aos leitores. Desta feita as coisas da natureza, palpáveis como as maçãs ou etéreas como as nuvens são sonhadas, intuídas, desejadas em formas escritas de versos curtos em longas ou múltiplas estrofes. Porque o ar chega longe no céu e não faz mal olhar para cima, para as tais coisas altas, umas estáticas e muitas em movimento, como o vento, os pássaros e as palavras. O azul difuso do céu acompanha, como ponto cardeal, as crianças que crescem, apanham coisas, trepam às árvores, sopram folhas livres.



## ***HISTÓRIA DE UM SILÊNCIO ELOQUENTE***

**Thaís Dumê Faria  
D'Plácido**

Um livro que cruza a criminologia e o feminismo, analisando os discursos jurídicos, médicos e legais que deram corpo à prisão de mulheres no Brasil, entre os séculos XIX e XX, baseada no gênero e nas características assumidas como suas.



## ***O ESTRANHO***

**Kjell Ringi  
Bruaá**

Nesta pequena narrativa aborda-se a questão da reação ao desconhecido. Muito do que se lê decorre da ilustração que apresenta os habitantes do reino na sua hierarquia uniformizada, recorrendo à mesma aparência. Ao invés, do estranho apenas o pé alcançamos. Estranho e gigante ou estranho por ser gigante? Pouco importa. Apenas que as reações que as personagens tiveram neste livro originalmente editado em 1968 não são diferentes das que acontecem hoje. O pior é que é cada vez mais frequente que o desenlace seja outro.



## ***MODOS DE VER***

**John Berger**  
**Antígona**

Baseado na série homónima produzida pela BBC, este ensaio reflecte sobre o modo como olhamos para a arte, convocando para essa reflexão uma série de ideias sociais, culturais e políticas que se mostram fundamentais para uma compreensão ampla da forma como nos relacionamos, uns com os outros e com o mundo.



## ***A ODISSEIA DE PENÉLOPE***

**Margaret Atwood**  
**Elsinore**

Conhecemos a história de Penélope através da *Odisseia*, mas conhecemo-la do ponto de vista de Ulisses. O mais recente romance de Margaret Atwood ensaia uma mudança de ponto de vista, dando a Penélope a palavra para contar a sua própria história sem os intermediários clássicos.

Exposições  
livraria  
biblioteca  
auditório

Terça a sábado  
Abr a Set —  
10h às 13h /  
15h às 19h  
Out a Mar —  
10h às 13h /  
15h às 18h

# NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10  
ANOS  
YEARS  
ANOS



Fundação  
José Saramago



assine o  
**suplemento pernambuco**

*anual* — R\$ 60  
*bianual* — R\$ 100





CASA JOSÉ  
SARAMAGO  
ÓBIDOS CITY OF LITERATURE

EM ÓBIDOS



AMIGO DE  
SARAMAGO  
SEJA AMIGO DA  
FUNDAÇÃO  
JOSÉ SARAMAGO  
E DESFRUTE  
DAS VANTAGENS

[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)



Casa dos Bicos  
Rua dos Bacalhoiros, 10, 1100-135 Lisboa  
Tel. (+ 351) 218 802 040  
[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)



Agora o Sócio Gerador  
vem com o cartão para  
a cultura portuguesa.

+ experiências  
+ descontos  
+ assinatura  
Revista Gerador

Sabe tudo em  
[gerador.eu/cartao-socio-gerador](http://gerador.eu/cartao-socio-gerador)

**NOBEL**

**ANOS**

Há 20 anos, José Saramago era distinguido com o Prémio Nobel de Literatura, o primeiro a ser atribuído a um escritor de língua portuguesa. A celebração desta data começou no dia 6 de Outubro, com uma visita do Presidente do Governo de Espanha e o Primeiro-ministro português a Lanzarote, continuando depois entre os dias 8 e 10 de Outubro em Coimbra, no Congresso Internacional «José Saramago: 20 anos com o Prémio Nobel». Nos dias 12 e 14 do mesmo mês foi a vez de Lisboa, com a apresentação do *Último Caderno de Lanzarote*, de José Saramago, e de *Um país levantado em alegria*, de Ricardo Viel, na Biblioteca Nacional de Portugal, e com uma evocação do escritor português pelo Partido Comunista Português, no Centro de Trabalho Vitória. A *Blimunda* reúne nesta sua edição especial as palavras que foram ouvidas nessas datas e nesses locais, permitindo aos seus leitores que, também desta forma, celebrem connosco uma data marcante. Até ao final do ano outras iniciativas se seguirão, das quais daremos conta em edições futuras. A todas as entidades que connosco colaboraram, o nosso obrigado.

# Lanzarote, 6 outubro

## Pilar del Río

**Presidenta da Fundação José Saramago**

Obrigada, gracias a todos por estar aquí, en esta casa que nació para acoger a personas y libros, a libros que contienen personas, los autores y los lectores.

Obrigada Presidentes, embajadores, amigas y amigos. Pido licencia para dirigirme en primer lugar a Antonio Costa, que tuvo la idea de esta reunión y la llevó a cabo, lo que es doblemente admirable.

Antonio Costa pertenece a la estirpe de la creación: Benditos Orlando y Maria Antonia, a los que traigo aquí porque hay motivo y porque ya habitan en esta biblioteca como los amigos de José Saramago que eran, como la amiga que sigue siendo.

Decía que Antonio Costa pertenece a la estirpe de la creación, que se construyó a sí mismo en un mundo de ideas y de reflexión, por eso es capaz de producir obras que vigorizan la sociedad. Sin duda es un acto creativo este de venir a la balsa de piedra que es Lanzarote, con José Saramago en el corazón, con amigos capaces de ver, como Blimunda, más hondo que el reflejo frágil de las apariencias.

No es la primera vez que Antonio Costa está en esta Biblioteca: vino a Lanzarote cuando entendimos que el lugar donde se había escrito Ensayo sobre la ceguera, Todos los nombres o El viaje del elefante era patrimonio común y compartirlo se imponía como una obligación moral, costara lo que costara. Antonio Costa lo entendió, vino hasta aquí y su apoyo, tantos

años después, sigue siendo una mano en el hombro que reconforta en los días difíciles.

Por circunstancias de la vida fue la primera persona que supo que José Saramago acababa de morir y fue él quien se ocupó de las ceremonias del adiós, o del hasta luego, porque a los escritores los vamos encontrando siempre en las paginas de sus libros. En Lisboa, en el ayuntamiento que él presidía entonces, fue la despedida. Más tarde, cuando los restos de José Saramago fueron depositados en las raíces de un olivo centenario, Antonio Costa los cubrió con tierra de Lanzarote, expresamente recogida del lugar donde José Saramago se sentaba al caer la tarde para sentir la vibración del mundo y también el íntimo sonido del sol al caer en mar. Obrigada, querido amigo.

José Saramago escribió en 1986 *La balsa de piedra* que no es un libro de resentimientos por pérdidas de soberanías nacionales sino, por el contrario, es un desesperado intento de ser con otros, en encuentros posibles. Puso a navegar la península ibérica porque, como dijo el poeta, “Navegar es preciso”. El proyecto era claro: acercar la península a África y América y hacer del Atlántico Sur una cuenca cultural capaz de ser lo que en su día significó la Cuenca Mediterránea. Una Cuenca Cultural, sí, multilateral, plural, de debate de ideas, de respeto y basada en la imprescindible ética que pueda frenar los procesos de destrucción a que estamos abocados. La Cuenca Cultural del Atlántico Sur podría ser también una fuerza de desarrollo impresionante, el modelo de economía del crecimiento basado en el respeto, aquellas ideas de progreso humanista que nos alimentaron antes de ser vencidos por el caos del desorden economicista sin principios. Desde la Balsa de piedra de Lanzarote, la tierra de César Manrique, se defiende el respeto por el medio ambiente, el desarrollo sostenible, desarrollo

para todos, económico y humano, desde la educación y cultura.

Aprovecho para decir, y agradecer, a la Fundación César Manrique , que haya dado tantas muestras de respeto para con los lanzaroteños y quienes nos visitan, que descubren aquí un lugar único: es la fuerza del ser humano frente al desorden que arrasa hasta el horizonte. Lanzarote se salvó por César Manrique y mantener su espíritu es señal de resistencia. Agradezco que el impulso global de la Fundación le hiciera organizar la exposición “La consistencia de los sueños”, que tuvo como primera parada Lanzarote, luego estuvo en el Palacio de Ajuda en Lisboa, Gracias, Pinto Riberio, luego en Sao Paulo y finalmente en México. Gómez Aguilera, heredero moral de José Saramago, hizo y hace un excelente trabajo. Gracias.

Una vez más agradezco a todos, pero permítanme unas instantes para Pedro Sánchez, que ya estuvo en Lisboa respirando el aire de la Fundación y le llevó flores a José Saramago, y eso no se olvida.

Querido presidente, acabas de llegar a la gobernación, traes proyectos de regeneración democrática que muchos ciudadanos aplaudimos, independientemente de las opciones políticas que tengamos. El bien común, que tantas veces nombras, es un objetivo del que nadie puede desistir. José Saramago decía que los seres humanos nos distinguimos de otros seres vivos porque tenemos razón y conciencia. La una sin la otra no están completa. Sé que hoy estamos aquí porque nos consideramos seres de razón, de pensamiento, y con capacidad ética para distinguir conceptos.

Termino: Agradezco a todos los presentes y a quienes no habiendo podido venir, también están. Por ellos, queridos presidentes, existimos y navegamos. La balsa de piedra se ha movido un poco desde que

empezamos a hablar. No notan que estamos más cerca los unos de otros?

Obrigada

# Lanzarote 6 outubro

# Pedro Sánchez

Presidente do Governo de Espanha

Querido primer ministro, Antonio; querido presidente de Canarias, Fernando; querido presidente del Cabildo, querido Ángel Víctor, también, Loli, alcaldesas y alcaldes que nos acompañáis y, sobre todo, querida Pilar, querida anfitriona, gracias por tus palabras y, por supuesto, también, por haber tenido junto con Antonio la idea de celebrar este acto tan entrañable, tan emotivo para todos y para todas.

Estimados amigos y amigas:

Como decía, muchas gracias por tus palabras, Pilar, y por habernos reunido aquí, en el homenaje a José Saramago, en el vigésimo aniversario de la concesión del Premio Nobel de Literatura. Es un honor coincidir con Antonio, con su esposa, tengo la certeza de que entre estos libros y también después de haber visitado su hogar, de que a Saramago le habría hecho muy feliz vernos juntos, hoy aquí, a dos primeros ministros de Portugal y de España.

Siempre se ha dicho que Portugal y España eran

dos países que vivieron, Antonio, buena parte de su historia, dándose la espalda una a la otra y, ciertamente, así fue desgraciadamente durante muchos años, pero la democracia reconquistada casi al mismo tiempo fue lo que nos hizo volver a unirnos; ese vínculo desde entonces no ha hecho más que crecer y crecer y gracias, entre otras cosas, a la fe común que tenemos, no solamente nosotros y nuestros gobiernos, sino sobre todo nuestras sociedades en la vigencia y en el futuro de ese proyecto ibérico que tanto reclamó Saramago y, por supuesto, el proyecto europeo que ambos defendemos con convicción absoluta pese a los avatares que, lógicamente, tenemos que sufrir muchas ocasiones, en Bruselas.

Hoy nos une algo entrañable, que es el recuerdo a José Saramago, al hombre y a su obra, a quién a través del poder de la palabra y la maestría de su prosa, nos redescubrió a mitos universales de la cultura y la lengua portuguesa, lo hemos visto antes en el hogar, como al propio Fernando Pessoa presente en la genialidad única de "El año de la muerte de Ricardo Reis". Con Saramago no solamente conocimos, desde España, mucho mejor a Portugal sino que también nos conocimos mejor a nosotros mismos; aquí residió durante muchos años – como ha dicho antes el presidente de Canarias –, y por este país mostró un cariño inmenso que aún perdura en la memoria del conjunto de la sociedad española.

En esta isla, Lanzarote, permanece su recuerdo más visible y hasta aquí peregrinaban --como nos comentaba antes Pilar –, muchos amigos, muchos intelectuales, personalidades de distintos ámbitos, de todos los lugares atraídos, primero, por su generosidad pero, también, por su sabiduría. En la belleza única de Lanzarote encontró inspiración y paz; en la literatura, libertad para crear, imaginar y, también, concienciar –

algo que ha dicho Pilar en sus palabras –, y en Pilar no solamente tuvo una excelente traductora, tuvo también una compañera de vida y algo muy importante que nos ha hecho recordar cuando entrábamos en el umbral de la casa y nos recordaba algunas frases de sus libros; una mujer comprometida con causas universales como, por ejemplo, el feminismo y cuyo trabajo nos permitió aprovechar el torrente de sabiduría de un genio único cómo fue de José Saramago.

El prestigio y la memoria de Saramago trascienden cualquier límite geográfico. Siempre hemos dicho que es un escritor que ha reivindicado siempre el iberismo, la Península Ibérica, antes lo ha comentado Pilar, pero yo creo que su figura es universal desde el punto de vista no solamente literario sino también moral.

Hoy conmemoramos la concesión de un premio Nobel que coronó una vocación literaria temprana, pero que llegó a ser reconocida tarde, bien entrados los años 80, mucho más tarde de lo que su trabajo – sin duda alguna – merecía. Y, pese a todo, conviene recordar en sus palabras que la derrota – decía Saramago –, tiene algo positivo y es que nunca es definitiva; y si la muerte es una forma de derrota, hoy celebramos la vitalidad universal de su obra, un trabajo que recrea de forma única la mezcla de la oralidad del mundo rural portugués y la magia narrativa de la novela iberoamericana.

Honramos al creador y creo que es importante que hoy reivindicemos al creador, en el XX aniversario de la concesión del Premio Nobel, pero, también creo que tenemos que honrar al hombre, a la persona, porque Saramago fue mucho más que un escritor excepcional – que lo fue, sin duda –, fue un ser humano íntegro, que no quiso refugiarse en torres de marfil,



desde las que tantas veces se pierde el sentido de la realidad de las cosas. Se implicó en debates muy sensibles, siempre desde una posición inequívoca que, creo que todos los que estamos aquí compartimos, que es el de la justicia social; y, también, volcó su magisterio literario en concienciar a millones de lectores a través de sus novelas. "Ensayo sobre la ceguera", "La caverna", o "Todos los nombres" forman un tríptico sobre el estado del mundo que, lejos de haber perdido vigencia, querida Pilar, ha ganado actualidad en estos años tan convulsos, Antonio, y tan confusos en los que vivimos.

Creo que somos muchos los que en determinados momentos y ante determinadas dinámicas globales nos preguntamos qué pensaría José Saramago, qué nos sugeriría hacer, para poder afrontar esos desafíos y, sin duda, yo creo, me atrevería a decir, querida Pilar, abusando de la confianza que nos has conferido, yo creo que nos pediría que como condición irrenunciable estuviéramos con los más débiles y que extremáramos la mirada crítica hacia el mundo como una forma de lucidez. Que nos comprometiéramos más con las causas que él, ya en su momento, y a través de su obra literaria y ensayística, denunció con tanto estilo y con tanta claridad; que tomáramos partido (yo creo que esto es importante también, sobre todo decirlo a las generaciones más jóvenes), hay que tomar partido. Hay que tomar partido por la causa del medio ambiente, del cambio climático que antes evocábamos cuando estábamos visitando la Fundación César Manrique (y aquí están precisamente los directivos de esa Fundación), que tomáramos partido, en definitiva, por el ser humano. Por un tiempo necesitado de algo que ha comentado Pilar en su intervención, que es un nuevo humanismo frente al discurso de la exclusión, del odio, del egoísmo, que impregna --en muchas ocasiones--, los

discursos y el debate público.

En fin, en un ecosistema único cómo el de esta isla, presidente del Cabildo, Lanzarote, Reserva de la Biosfera de la UNESCO desde hace ya 25 años, cobra todo sentido el recuerdo a sus palabras en el discurso de aceptación del Premio Nobel y que antes compartía con nosotros Pilar. Allí habló con gratitud de su abuelo, de Jerónimo, y son palabras que al leerlas a mí me han emocionado. Él decía sobre su abuelo, Jerónimo, pastor y contador de historias, que al presentir que la muerte venía a buscarlo se despidió de los árboles de su huerto uno a uno, abrazándonos y llorando, porque sabía que no los iba a volver a ver.

Para Saramago el compromiso social y el literario iban de la mano, la belleza del mundo y del arte le parecían incompatibles con la miseria y la injusticia que aún persisten en el mundo; por eso su ejemplo es tan poderoso y creo que, además, hay que reivindicar que más necesario que nunca, cuando hace ya más de ocho años se fue y veinte desde que le concedieron el Nobel de Literatura.

Echamos de menos a Saramago. Tenemos, querido Antonio, "saudade" de Saramago pero nos queda su obra literaria y humana, y ese legado inagotable nos sirve hoy para analizar críticamente la realidad y transformarla, al menos, en la medida de nuestras posibilidades, querido Antonio, querido Fernando, querido presidente del Cabildo, Ángel Víctor, que transformemos desde la causa pública, desde la acción política, un poco nuestra sociedad, para sentirnos menos solos y más fuertes en la búsqueda diaria de la justicia, de la igualdad y de la dignidad humana. Él nunca renunció a esa batalla, y en su memoria, yo creo que tampoco nosotros tenemos que hacerlo.



Termino dándote las gracias, Pilar, por este lujo de haber compartido con nosotros tu casa, de haberla abierto a los ojos del mundo, de la sociedad española, de la sociedad portuguesa, que nos está siguiendo a través de las redes sociales y de los medios de comunicación.

Y, a mi querido Antonio, decirle, que el próximo 21 de noviembre, en Valladolid, con ocasión de la Cumbre Hispano-Lusa, tenemos la oportunidad de seguir trabajando por todo lo que une a Portugal y a España, que es mucho.

Nos vemos de nuevo allí para construir, que yo creo que es el verbo, la acción que tenemos por delante que empeñar, desde la coincidencia de valores, de afectos y, también, de referentes morales como el que siempre ha sido para Portugal y para España, José Saramago.

**Muchas gracias.**

Transcripción editada por la Secretaría de Estado de Comunicación

**Lanzarote 6 outubro**  
**António Costa**  
Primeiro-Ministro de Portugal

Senhor Presidente do Governo do Reino de Espanha,  
Meu Caro Pedro Sánchez,  
Senhor Presidente do Governo das Canárias, Fernando

**Batlle,  
Senhor Presidente do Cabildo de Lanzarote, Pedro  
Gutiérrez,  
Senhor Diretor da Fundação César Manrique de  
Lanzarote, Fernando Gómez Aguilera,  
Estimada e amiga Pilar del Rio,  
Minha querida Ana Saramago Matos,  
Senhoras e Senhores, Amigas e Amigos,**

**Pilar, permita-me que as minhas primeiras palavras sejam para Pedro. Porque esta é a primeira vez que temos a oportunidade de nos encontrarmos em Espanha, como Primeiro-Ministro e como Presidente do Governo.**

**Seria impossível planear melhor lugar para nos encontrarmos nestas funções pela primeira vez. Porque Lanzarote é toda uma metáfora de como as pessoas podem vencer as distâncias e aproximar dois países.**

**Mas também é uma metáfora, como se pode testemunhar na Casa de César Manrique ou nas obras de Saramago, do poder extraordinário das ideias, dos projetos, da vontade humana, para transformar um cenário vazio, telúrico, duro, basáltico, vulcânico, em algo maravilhoso, como uma habitação que nasce nas borbulhas vulcânicas ou as obras que saíram do computador de Saramago.**

**Pedro, não podíamos ter melhor ponto de encontro para a estreia nestas funções. Muito obrigada por estar aqui.**

**No próximo dia 8 de outubro cumprem-se 20 anos sobre o anúncio da atribuição do Prémio Nobel da Literatura a um escritor português que se chamava José Saramago.**

**Por isso, aqui estamos, para celebrar essa data de tão grande significado. Quisemos fazê-lo de uma forma especial: indo ao encontro de Saramago nos lugares que**

foram os seus. Não somente do escritor, mas sobretudo do homem.

Para Saramago, escrita e vida eram duas faces da moeda em que cunhou o seu destino tão singular e exaltante. Nele, a palavra era ato e os atos diziam-se em palavras que duram e os fazem durar. Por isso, quisemos celebrar o Nobel português de forma simbólica, através de um percurso por lugares fundamentais da sua vida e obra. Hoje, aqui em Lanzarote. Amanhã, de manhã, na Azinhaga do Ribatejo, terra onde nasceu, onde viveu os seus dois primeiros anos, lugar de memórias marcadas pela sua relação com os avós maternos. Mas também Lisboa, cidade onde viveu longamente e a cuja Assembleia Municipal presidiu, e que serve de cenário a alguns dos seus mais poderosos romances, como “O Ano da Morte de Ricardo Reis” ou “História do Cerco de Lisboa”.

Celebrar o Nobel de Saramago é celebrar o primeiro Prémio Nobel da Literatura em língua portuguesa e o merecido reconhecimento da sua vocação de abertura e universalidade.

Se, para Fernando Pessoa, a língua portuguesa era a sua Pátria, para Saramago o português é uma língua de várias pátrias e de vários povos. E, com ele, passou a ser também a língua de todos aqueles a quem deu voz.

Saramago era um cidadão do mundo e foi um cidadão de Lanzarote.

«Lanzarote não é minha terra, mas é terra minha.» São palavras dele, inscritas aqui, em Tías, no monumento erguido em sua memória.

Com Pilar del Río, Saramago fez aqui uma casa na qual viveu os últimos 17 anos da sua vida e onde, além de romances, começou a escrever o seu diário, *Cadernos de Lanzarote*, publicado em cinco volumes, e ainda com um sexto e inédito volume, correspondente

ao ano do Nobel, 1998, prestes a sair graças a uma descoberta, feliz e inesperada, de Pilar no disco rígido do computador de José.

É para nós uma grande honra e prazer estar hoje aqui. Antes de mais, porque não poderíamos ter melhor companhia.

Quero saudar afetuosamente o Senhor Presidente do Governo de Espanha, meu caro amigo Pedro Sánchez, e agradecer-lhe calorosamente a amabilidade de nos receber «em casa».

A sua distinta presença aqui, hoje, imprime um significado muito especial e simbólico a este momento. A merecida atribuição do Prémio Nobel da Literatura a José Saramago, em 1998, foi sentida e aclamada com muita alegria e convicção em Espanha.

José Saramago representou e continua a representar um valioso e inapagável traço de união entre Portugal e Espanha. Desde logo, pelas escolhas da sua vida pessoal; mas também pela sua visão singular dos nossos dois países, cuja ligação recíproca e afirmação conjunta via plena de promessa e oportunidades.

Em 1986, ano em que Portugal e Espanha se uniram na então CEE, José Saramago publicou o romance *A Jangada de Pedra*, que descreve a separação da Península Ibérica do continente europeu e a sua deriva à flor do mar, em direção ao Atlântico Sul, ao reencontro de uma história de navegantes. E, mesmo sendo um criador de ficções fantásticas, o seu autor estaria longe de imaginar que, sete anos mais tarde, viria a realizar, de certa forma, uma parte da utopia de *Jangada de Pedra* ao instalar-se aqui, em pleno Atlântico, em Lanzarote.

20 anos depois do reconhecimento mundial que o Prémio Nobel representa, a atualidade de Saramago não tem cessado de se reiterar, reconhecer e ampliar.

**Nos seus livros, ressoam as interrogações mais fundas e por vezes mais inquietantes que os homens devem pôr a si mesmos, quando olham o futuro com a responsabilidade do presente e a consciência do passado.**

**José Saramago, que reafirmava constantemente o nosso dever de lutarmos por um mundo melhor, não fundava o dever desse combate quotidiano num otimismo voluntarioso ou facilmente ingénuo. Firmava-o numa visão sóbria e muitas vezes ironicamente grave dos males, das injustiças e das ameaças do mundo, considerando essa a melhor forma de lucidez e o obrigatório princípio de uma ação humana necessária, eficaz e consequente.**

**Na obra de Saramago, há um humanismo que atinge o seu limite, negando-se a auto-complacências ou a novas ilusões funestas.**

**Nela, estão presentes os sonhos traídos, as desilusões amargas, os erros trágicos da longa história humana e, em particular, da história recente do século XX e do início do século XXI.**

**Mas essa aguda consciência dos males, dos perigos e dos obstáculos nunca o paralisou, inibiu ou desarmou. Pelo contrário, deu à sua voz a força que dizia a nossa obrigação de denunciar, de defender, de lutar. Essa lição de coragem e sabedoria continua e continuará connosco, em cada dia dos nossos dias.**

**Cara Pilar,**

**Estimadas Amigas e Estimados Amigos,**

**Dos romances de José Saramago, um dos mais extraordinários foi o da sua própria vida. Vamos segui-la nalguns dos seus passos e lugares essenciais, testemunhando como a construção de um grande escritor é sempre um prodígio e um exemplo.**

Neste momento e nesta terra que ele tornou também sua, prestamos o nosso tributo, admiração e gratidão à memória de José Saramago, escritor de todos nós, escritor de cada um de nós.

Homenageamos aqui Saramago, cidadão do mundo e homem de várias pátrias, sendo a primeira delas a da língua em que escreveu os livros belos, lúcidos, densos e duradouros que, com orgulho e responsabilidade, entregamos ao futuro.

# 8 outubro, Coimbra

## Roberto Saraiva

Vencedor do prémio de ensaio do Congresso Internacional  
“José Saramago: 20 anos com o Prémio Nobel”

A Nazaré Veríssimo da Costa nunca conheceu verdadeiramente o poder do seu nome. Conheceu o rigor batismal do “Nazaré”. Mas, nunca descobriu o poder de transcrevê-lo para o papel, a força necessária para transmitir tão potente espírito. Foi só na sua meia-idade, que o concebeu, pela primeira vez, num desenho rebuscado, para fins logísticos: Nazaré.

O analfabetismo da minha avó paterna pautou-se pelas características árduas de uma outra vida de uma outra época. Tais quais que nos é impossível encontrar a memória do seu ser noutro sítio a não ser os seus afetos. E no fundo, talvez seja essa, arrisco-me perigosamente a afirmar, a definição da escrita. O suprasumo do

espiritismo. Definhar a nossa alma em rabiscos, tornar a dividi-la, até todas as parcelas da nossa inquietude estarem libertas. Entristece-me que a minha avó nunca tenha atingido esse patamar. O mesmo patamar que hoje, o júri do concurso de ensaio julga que eu atingi.

Contudo, nos dias de hoje, ainda está fortemente enraizada na nossa comunidade a ideia que a qualidade literária é indissociável a uma certa etnia ou elite da nossa sociedade. Pelo contrário, num universo de 250 milhões de falantes, seria pessimista a visão de que somente uma percentagem seria capaz de produzir obras de elevado valor literário. No fundo, não há maior religião do que a escrita, livre de dogmas, ideias pré concebidas, rituais, raças, sexos, etnias, orientações e nacionalidades.

Foi nesta religião que se destacou Saramago, abertamente ateu. Para ele a escrita era não só uma arte como uma ferramenta essencial para a democracia. A crítica que ele exercia sobre a sociedade que o rodeava era para ele a concretização plena do sonho da liberdade de expressão. Não nos resta mais nada a não ser celebrá-lo, nesta nossa língua materna. Aqui, onde a saudade acaba, e o sonho principia.



# 12 outubro, Lisboa

## Ricardo Viel

Autor do livro *Um país levantado em alegria*

*A literatura é uma defesa contra as ofensas  
da vida*

Cesare Pavese

Boa tarde,

Antes de mais, gostaria de agradecer à doutora Maria Inês Cordeiro, diretora da Biblioteca Nacional de Portugal, por acolher com tanto entusiasmo esta sessão; agradecer ao professor Carlos Reis, pela generosidade com que leu o meu livro, e ao Manuel Alberto Valente, por ter apostado neste autor desconhecido que sou. Queria também dizer muito obrigado ao Sérgio, pela enorme ajuda que me deu durante o processo de construção deste livro, ora como revisor, tradutor, ora como agente literário. E agradecer ainda aos meus colegas de trabalho da fundação, aos seus administradores, e também, e sobretudo, quero agradecer à Pilar, por toda a confiança que me tem depositado ao longo desses já mais de cinco anos em que trabalhamos juntos.

Quando soube que me eram destinados dez longos minutos nesta tarde, pensei em usá-los para contar da alegria de apresentar um livro neste espaço tão mágico. Falar da enorme satisfação e da até certa vertigem que sinto ao pensar que entre o mais de um milhão de livros que há neste edifício, debaixo do mesmo teto e entre as mesmas paredes que protegem os originais de gigantes das letras como Sophia de Melo Breyner, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, José Saramago, aqui, junto a eles, numa destas prateleiras, ficará este meu singelo livro.

Também imaginei que usaria parte do tempo para expressar a felicidade de ter aqui hoje a minha mãe, que veio de muito longe para estar comigo, e de ver tantos amigos nesta sala. Pessoas que dedicaram parte da

tarde de uma sexta-feira para partilharem comigo dessa alegria.

Também pensei em contar sobre a gravata que hoje uso e que um dia pertenceu ao José Saramago – presente que a Pilar me deu e que nunca usei por achar que nenhuma ocasião era adequada.

E supus que, depois desses agradecimentos, gastaria o tempo que me restasse para contar sobre o trabalho que fiz, explicar sobre a pesquisa que fiz nos arquivos da Fundação José Saramago, contar das entrevistas que fiz para reconstruir esses dias pré e pós Nobel, do gozo que senti ao vasculhar jornais e revistas da época. Enfim, falar de como foi fazer este livro.

Mas quando comecei a escrever estas linhas – porque sabia que o nervosismo e a insegurança me impediriam de falar de improviso – percebi que havia algo mais urgente e importante que gostaria de dizer, algo que tem a ver com livros também, mas tem a ver sobretudo com as pessoas, e com o que está acontecendo atualmente no meu país.

Cresci numa cidade sem livrarias ou bibliotecas. Sem sequer um teatro. E o único cinema de lá fora transformado numa igreja evangélica. Os meus anos de infância e adolescência foram vividos sem livros, sem qualquer contato com o mundo das artes. Demorei muito tempo para perceber a falta que isso me fez nessa primeira etapa da vida. Não se sente falta de uma coisa que não se sabe que existe. Os livros entraram na minha vida tardiamente. Mas quando percebi o poder que eles têm entendi que não voltaria a estar sozinho, e desde então nunca mais deixei de ter comigo um destes objetos que Umberto Eco definiu como perfeitos, impossíveis de serem aperfeiçoados, como a colher e a roda.

No diário de 1998 que hoje aqui se apresenta, José Saramago escreveu: «Continuarei a dizer que a

Trujillo  
19 al 22 de Noviembre  
Agrogenadera '93



Pr. D.  
Jose Saramago  
ESCRITOR

Lanzarote



CONS  
SUS  
CODIG



35

D. JOSE SARAMA GO  
PREMIO NOBEL LITERATURA  
LANZAROTE  
(#SLAS CANARIAS)

**literatura não muda o mundo, mas cada vez mais vou tendo razões para acreditar que a vida de uma pessoa pode ser transformada por um simples livro». Eu sei qual foi o livro que transformou a minha vida. Sei qual foi o primeiro livro que me fez sentir a terra tremer. Sou capaz de recordar o assombro que senti quando encontrei essa porta da entrada para esse outro universo.**

**Num ensaio publicado em 2010, o escritor mexicano Jorge Volpi defende a tese de que a capacidade humana para ficcionar representa um avanço na escala evolutiva, um passo mais na adaptação do ser humano como espécie. «Porque a arte, e em especial a arte da ficção, ajuda-nos a adivinhar os comportamentos dos outros e a conhecermo-nos a nós mesmos, o que pressupõe uma grande vantagem frente a espécies menos conscientes de si mesmas.» Além da incrível capacidade de divertir e entreter, a literatura é uma ferramenta importante para a adaptação na Terra, defende Volpi. «(...) a ficção cumpre uma tarefa indispensável para a nossa sobrevivência: não só nos ajuda a prever as nossas reações nas situações hipotéticas, senão que nos obriga a representá-las em nossa mente – a repeti-las e reconstruí-las – e, a partir disso, obriga-nos a pressupor o que sentiríamos se a experiência fosse de verdade. Uma vez feito isso, não demoramos em reconhecer-nos nos outros, porque de alguma maneira nesse momento já somos os outros». Prossegue o mexicano: «Um romance permite experimentar vidas e situações alheias mas também transmite informação social relevante – a literatura é uma porção essencial da nossa memória compartilhada.»**

**Em resumo, a literatura provoca/evoca o exercício de alteridade, a capacidade de colocar-se no lugar do outro.**

**«Nós somos o outro do outro», dizia José**

**Saramago. Mas para chegar a essa afirmação que parece básica é preciso colocar-se no lugar do outro. E a ficção, como tão bem explicou Volpi, permite justamente esse movimento. Colocar-se no lugar do outro é, sem dúvida, uma boa maneira de evitar a intolerância, o preconceito, o ódio àquele que é ou que pensa diferente.**

**Pessoas próximas de mim, algumas delas que continuam a viver naquela cidade onde cresci, pertencem a essa massa de dezenas de milhões de pessoas que no último dia 7 endossaram nas urnas o discurso de um candidato à presidência que prega abertamente a homofobia, a xenofobia, a discriminação em função de gênero, raça ou orientação sexual. Ou seja, alguém que menospreza uma enorme fatia da população brasileira. Alguém incapaz de enxergar o outro.**

**Falo de um sujeito que tem como livro de cabeceira um livro escrito por um declarado torturador, de um homem que defende que cada brasileiro deve ter uma arma de fogo. Alguém que, estou seguro, jamais entendeu a serventia dos livros.**

**O meu conterrâneo Manoel de Barros, o poeta da delicadeza, das pequenezas, escreveu certa vez:**

**«Creio que a principal (função da poesia) é a de promover o arejamento das palavras, inventando para elas novos relacionamentos, para que os idiomas não morram por fórmulas, por lugares comuns. Os governos mais sábios deveriam contratar os poetas para esse trabalho de restituir a virgindade a certas palavras ou expressões que estão morrendo cariadas, corroídas pelo uso em clichês. Só os poetas podem salvar o idioma da esclerose. Além disso, a poesia tem a função de pregar a prática da infância entre os homens. A prática do desnecessário e da cambalhota, desenvolvendo em cada um de nós o senso do lúdico. Se a poesia desaparecesse do mundo, os homens se transformariam**

em monstros, máquinas, robôs.»

Permitam-me repetir esta última frase, deslocando os homens para o seu início: «Os homens se transformariam em monstros, máquinas e robôs se a poesia desaparecesse do mundo».

Volto a Manoel de Barros, que num poema escreveu:

*Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,*

*que puxa válvulas, que olha o relógio,*

*que compra pão às 6 horas da tarde,*

*que vai lá fora, que aponta lápis,*

*que vê a uva etc. etc.*

*Perdoai*

*Mas eu preciso ser Outros.*

*Eu penso renovar o homem usando borboletas.*

Não são armas o que falta no meu país. O que falta no meu país hoje é delicadeza, é humanidade, e isso, estou convencido, nos é dado através da arte, da literatura, da poesia. E é por isso que evoco aqui hoje os livros, objetos mágicos, e aposto neles como instrumento contra a barbárie. Neles e nas borboletas. Obrigado!

**12 outubro, Lisboa**  
**Carlos Reis**

**Professor catedrático da Universidade de Coimbra**

## *Último Caderno de Lanzarote: mais do que imaginamos*

Diz-se que, no dia 14 de julho de 1789, logo de manhã, o rei Luís XVI abriu a janela dos seus aposentos em Versalhes, olhou os jardins desertos e silenciosos, voltou para dentro e escreveu no seu diário: «Rien». Longe estava o monarca de saber que, a pouco mais de seis léguas dali, na Bastilha atacada pelo povo de Paris em fúria, acontecia muito mais do que aquele «nada» que ficou registado. Quer dizer: o nada que vem a ser muito, que por vezes muda a história e altera o rumo das vidas humanas, para sempre.

Também José Saramago pôde escrever o seu nada. As razões e a forma desse nada foram, contudo, bem diferentes das que ditaram o fim de um regime e o começo de outro. O dia 8 de outubro de 1998 da vida de José Saramago – ou seja, faz agora vinte anos – resume-se, tal como neste *Último Caderno de Lanzarote* é dito, ao seguinte: «Aeroporto de Frankfurt. Prémio Nobel. A hospedeira. Teresa Cruz. Entrevistas». Só isto – que parece praticamente nada.

Afinal de contas, aquele nada que Saramago deixou registado, como logo então soubemos, muito foi, sendo o princípio de uma história quase excessiva para a capacidade de resistência do escritor e para a alegria de quem a viveu. Os incidentes, os desenvolvimentos e os episódios dessa história foram tantos e tão intensos que acabaram por determinar que o *Último Caderno de Lanzarote* tivesse ficado inconcluso e esquecido. Por fim, sendo certo que, como reza o aforismo, os livros têm destinos estranhos, lemos hoje as páginas deste diário que, seguindo-se a volumes já publicados, o escritor não pôde terminar, em seu devido tempo.

Não tratarei aqui das circunstâncias em que foi

recuperado este *Último Caderno de Lanzarote* nem dos acasos da fortuna informática que determinaram que ele chegasse até nós. Quem deveria fazê-lo já disso falou, conforme bem o atestam o texto prefacial de Pilar del Río, «O limbo e os discos rígidos do tempo», e, depois dele, as certeiras palavras de Eduardo Lourenço, quase em jeito de epígrafe: «O autor de *Memorial* deixa, como Chateaubriand, as suas ultima verba no computador. Agradeçamos ao mágico suporte por ter preservado esse diálogo de José Saramago consigo mesmo e com o seu tempo, num espaço e numas reverberações sem fim”. Por agora e pelo que me toca, limito-me a notas de leitura para uma breve apresentação; retomam essas notas, no meu trajeto de leitor de José Saramago, o trânsito pelas páginas de um relato diarístico que continua a reger-se pela mesma divisa que está inscrita no início da viagem encetada por Saramago em 1993, no primeiro *Caderno de Lanzarote*: «Contar os dias pelos dedos e encontrar a mão cheia.»

Que dias são esses e como foram eles? Bem desiguais, mas sempre carregados de uma força testemunhal que nos ajuda a ler a obra do escritor e a conhecer o seu pensamento. Neste caso, pode dizer-se que o *Último Caderno de Lanzarote* se divide em duas etapas distintas: antes de 8 de outubro e depois de 8 de outubro. Digo distintas, pelo tipo de vivências que em cada uma delas são relatadas, mas distintas também porque, tal como o ditou o frenético ritmo daquelas vivências, os dias da segunda etapa muitas vezes limitam-se a breves anotações, para posterior desenvolvimento – que nunca aconteceu.

E contudo, muito ficou neste *Último Caderno de Lanzarote*, desse ano de 1998. Fica, antes de mais, uma singular relação com o espaço de uma ilha – e

bem sabem alguns que o cenário insular (qualquer cenário insular) não é coisa a que se fique indiferente. É bem significativo que o *Último Caderno de Lanzarote* comece por uma ventania e pela luta do homem Saramago contra ela. Depois, Lanzarote fica em pano de fundo, discretamente cumprindo a sua função de lugar de acolhimento que, um dia, o escritor procurou e encontrou. Mas é de Lanzarote e da sua paisagem árida de vulcões extintos que José Saramago olha o mundo; é lá que compõe a sua ficção, escreve para jornais e revistas, dá entrevistas, recebe amigos, convive com gentes da ilha e também com três outras criaturas, Pepe, Greta e Camões, todos os nomes de cães que os têm mais nítidos e motivados do que muitas personagens saramaguianas.

Para além disso, as jornadas do Saramago diarista e o que delas ficou nas páginas deste *Último Caderno* são antecipação umas vezes, outras ensaio e outras ainda regresso a temas que estruturam a visão do mundo do escritor. Dessa visão do mundo é inseparável a memória de uma vida que, tendo vindo de “uma aldeia implantada à beira de dois rios”, partiu para o mundo, até chegar ao dia 7 de dezembro deste ano de 1998: tem essa data o admirável relato, que aqui reencontramos, em que José Saramago contou à Academia Sueca «de como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz».

Sabemos, antes e depois desse episódio, que o tal autor bem aprendeu o que a vida, nem sempre fácil e corredia, lhe deu a conhecer: por exemplo, uma visão crítica da História, dos seus protagonistas, das suas voltas e reviravoltas. Uma História que José Saramago não dá por acabada e que observa em episódios conturbados e às vezes violentos: é isso que podemos ler em textos sobre África e sobre os camponeses de Chiapas. Da história pessoal do escritor fazem

Loanda, 10 de Dezembro de 1998

Senhor escritor José Saramago,

Eu sou a Carolina Albuquerque e tenho 7 anos e estive a ver  
na casa do meu avô na televisão o senhor a receber o prêmio  
Nobel da literatura e fiquei muito contente.

Eu ainda não sei ler muito bem e por isso nunca li um  
dos seus livros,

Mas o meu avô Marcelo gosta muito dos seus livros,

E por isso fiquei muito contente e fiz um desenho  
que mando numa carta para o senhor

com um grande beijinho

Carolina

parte, evidentemente, os romances e as figuras que os habitam; várias delas assomam nestas páginas, em particular as de Ensaio sobre a cegueira e as de Todos os nomes, as obras que mais próximas estavam dos dias de 1998. Justamente com romances e com personagens dialoga o escritor, às vezes em interação com leitores que deles e delas se ocuparam. Desse modo, José Saramago dá livre curso a uma sua declarada vocação ensaística, inscrita no título de dois dos seus romances; foi essa mesma vocação ensaística que o levou a reivindicar, como sua influência maior, «Montaigne acima de todos» (em 29 de março) e, um pouco mais tarde, a 28 de junho, a declarar-se um ensaísta, mais do que um romancista: «Invento histórias para exprimir emoções».

Histórias é o que menos falta neste Último Caderno de Lanzarote: episódios pessoais, diálogos com leitores, conversas de circunstância, encontros pelo mundo fora. Por exemplo: a carta da leitora alemã que propôs um final diferente para *Evangelho segundo Jesus Cristo* ou o desabafo do taxista que não entendeu os *Versículos satânicos* de Salman Rushdie. Esses encontros, outros mais e também, em Estocolmo, a 10 de dezembro, a proclamação do «dever dos nossos deveres. Talvez o mundo», conclui Saramago, «possa tornar-se um pouco melhor».

Acompanhando o fluxo de eventos que a atribuição do Prémio Nobel trouxe consigo, o livro *Um País Levantado em Alegria*, de Ricardo Viel, faz um sentido próprio: o do contributo de um observador que, do exterior e à distância, traz à leitura do *Último Caderno* informações que ele não podia conter. É desse ponto de vista e com os inúmeros testemunhos documentais e iconográficos que recupera, que o livro de Viel dialoga, também complementarmente,

com Eduardo Lourenço. A 8de outubro de 1998 – quer dizer, no próprio dia da notícia que motivou que um país fosse «levantado em alegria» (a frase é de Eduardo Prado Coelho) – o grande ensaísta escreveu, num dos pórticos de *Um País Levantado em Alegria*: «De hoje em diante haverá um *mito Saramago*»; a isto acrescentou Lourenço, que, como acontece com outros mitos, ele veio preencher um vazio «no nosso imaginário nacional em busca do reconhecimento universal».

O livro de Ricardo Viel cumpre exemplarmente a função que se atribuiu: contar a alegria e evocar as circunstâncias em que o Prémio Nobel foi mudança. Não tanto mudança da pessoa Saramago (não é fácil mudar aos 66 anos...), mas mudança da sua vida e sobretudo da cena cultural e literária portuguesa. Na sua estrutura articulada em três componentes – os dias do Nobel, as felicitações e os papéis de Estocolmo –, *Um País Levantado em Alegria* é um relato que vai além da instância da reação pessoal e coletiva ao Prémio Nobel; ele fala-nos sobretudo de ações e de transformação. Ou melhor e em termos mais sintéticos: de uma receção transformadora. O distanciamento de Viel pôde ponderar e elaborar aquilo que a proximidade de um registo diarístico não conseguiria fazer.

Volto a José Saramago para terminar, citando o conhecido desabafo: «não nasci para isto». Hoje sabemos que sim, que nasceu para isto e para uma outra coisa que é, afinal, aquela que muitas vezes nos traz de volta aos seus livros: aprender as palavras e com as palavras. Foi delas e do movimento constante da sua invenção e da sua reinvenção que nos falou Saramago, num texto consagrado ao escritor chileno José Donoso, em que nos diz: «Tomamos um romance qualquer e dizemos: ‘Estão aqui cem mil palavras, é impossível que todas sejam necessárias por igual, que todas

estejam carregadas do mesmo grau de necessidade'.  
Aparentemente, nada mais certo. Mas como poderemos nós, pergunto, ter a certeza de que as palavras que considerámos inúteis ou desnecessárias o irão ser para sempre, supondo que já o seriam quando como tal as classificámos?» Por fim: «As palavras dizem sempre mais do que imaginamos, e se não parecem dizê-lo num momento determinado, é só porque a sua hora ainda não chegou.»

# 14 outubro, Lisboa

## Jerónimo de Sousa

**Secretário-geral do Partido Comunista Português**

Foi nesta sala, faz agora vinte anos que, num ambiente de efusiva alegria e com um justificado sentimento de orgulho, os comunistas portugueses festejaram a atribuição a José Saramago do Prémio Nobel da Literatura e o envolviam num simbólico e fraterno abraço de homenagem e reconhecimento de todo um Partido que era também o seu.

Era a primeira vez que um escritor português e da Língua Portuguesa recebia tal distinção e isso calou fundo no coração dos portugueses. Era com profunda emoção que os portugueses viam a obra de um grande escritor português ser reconhecido mundialmente. Era a primeira vez que viam um nosso grande escritor consagrado, à escala planetária, como figura maior da Literatura.

**Hoje, aqui regressamos, para celebrar os 20 anos do Prémio Nobel e, desta vez, sem a sua presença física, mas connosco porque foi essa sempre a sua vontade e decisão até ao dia em que nos deixou por imperativo da lei da vida que nos faz mortais e fazendo jus às suas palavras nesse inesquecível Outubro de 1998 que ecoam ainda na nossa memória de companheiros de combate por um mundo melhor: – «Eu hoje com o prémio posso dizer que, para ganhar o prémio, não precisei de deixar de ser comunista.»**

**Sim, Saramago não precisou de se esconder, nem se quis esconder e a sua notável e reconhecida obra, para lá do Nobel, expressão de um sensível e humano olhar sobre os problemas do homem e da humanidade e o seu destino (futuro), seria outro sem a visão do mundo dessa sua condição que com orgulho assumiu. Uma outra visão sem que isso signifique qualquer apologia de uma qualquer inexistente instrumentalização partidária ou política da literatura, mas tão só para afirmar que, sem essa condição, a massa humana de muitos dos seus livros não se moveria com o mesmo fulgor e não se sentiria em muitos deles o penoso, trágico, exaltante, contraditório, luminoso, sombrio, incessante movimento da história.**

**Celebramos os 20 anos do Prémio Nobel da Literatura de José Saramago e o que ele significou de contributo para afirmação da literatura de língua portuguesa no mundo e para o reconhecimento do português como língua de referência importante na cultura mundial. Um Prémio outorgado a um Autor que abriu novas portas à literatura portuguesa no plano internacional. Um Prémio que transformou José Saramago num embaixador da cultura e da nossa Língua, que as projectou nos mais diversos cantos do mundo, numa intensa actividade, promovendo a reflexão não apenas acerca da sua própria obra, mas da literatura portuguesa, empenhado em mostrar a sua riqueza. Um**

**Prémio, uma obra e uma intensa actividade que serviu o nosso País, projectou e prestigiou a cultura portuguesa além-fronteiras, contribuindo para tornar a nossa Literatura uma referência respeitada e permanente, no contexto da cultura literária universal. Mas um prémio também que foi altamente prestigiante não apenas para Saramago, para nós, portugueses, mas também para o próprio Prémio.**

**Celebramos os 20 anos do Prémio Nobel e nele a inteligência criadora de José Saramago, a sua obra de valor universal. Celebramos o escritor de uma vasta e singular obra. Mais do que um estilo, como nos mostram aqueles que se aventuram na arte de nos revelar o fazer da nossa literatura, inventou um inovador ritmo oral na escrita, que não se limitou a narrar para os que liam, mas para participar activamente na narração, desenvolvendo e devolvendo a história a todos aqueles que a fazendo não a escrevem.**

**Uma escrita e toda uma obra onde está presente o seu penetrante olhar sensível e arguto e profundamente humano sobre os “males do mundo”, que dificilmente se encontra noutros autores contemporâneos com a profundidade de análise e nitidez de José Saramago.**

**Por isso, celebramos esse contar de outra maneira da história, o seu profundo humanismo que atravessa toda a sua obra e patente nesses homens e mulheres levantados de um chão de miséria e humilhação milenares, personagens a que ele, de modo inquiridor, dá voz e argumentos contra a usura e a sujeição: logo nesse poderoso hino colectivo, na forma e no conteúdo, em louvor da terra e de quantos a trabalham e amam, que é *Levantado do Chão*.**

**Esse romance épico que nos fala da saga heróica do proletariado agrícola do Alentejo, onde está presente a memória de décadas de luta corajosa travada por homens e mulheres que, ora enfrentando a violência**

**e a brutalidade fascistas, ora travando uma luta que conduziu a vitórias memoráveis, como aconteceu com a histórica conquista das oito horas de trabalho. Essa luta que a pouco e pouco foi lançando nos campos do latifúndio opressor e explorador as sementes da transformação e da conquista do seu sonho maior, da sua mais sentida aspiração, do seu querer mais forte: a Reforma Agrária.**

**Esse sonho que se tornou momentaneamente realidade com a Revolução de Abril, sob a consigna «a terra a quem a trabalha».**

**Essa epopeia criadora, em que pela primeira vez na História do nosso País, os trabalhadores tomaram a decisão de tomar as terras do latifúndio e com elas nas suas próprias mãos o seu destino, concretizando um inovador programa de transformações económicas e de justiça social que iria resolver os problemas da produção e do emprego nos campos do Sul do País.**

**Um dos raros períodos da história do último meio século no Alentejo em que a região não conheceu o flagelo do desemprego, não perdeu população e viu muitos dos seus filhos regressar à terra!**

**Uma história escrita com letras de ouro, pelo que significou de realização colectiva, de avanço em direcção a um mundo em construção liberto de exploração.**

**A Reforma Agrária, sabemo-lo, foi sufocada e destruída e o latifúndio restaurado por um poder político que, a partir de 1976, tomou o partido dos senhores da terra, dos grandes latifundiários que colocaram o Alentejo a ferro e fogo, trazendo novamente as terras abandonadas, a desertificação e o desemprego.**

**Aqueles que apostam em ver arredado da nossa memória e da história do nosso povo, o registo desse património de luta e de transformação revolucionária, não só estão confrontados com a determinação deste Partido de não o deixar esquecer, apontando-o como um**

projecto de futuro, mas também com o indestrutível e propulsor testemunho de desejo de justiça que brota do *Levantado do Chão* e das palavras de José Saramago: «Do chão sabemos que se levantam as searas e as árvores, levantam-se os animais que correm os campos ou voam por cima deles, levantam-se os homens e as suas esperanças. Também do chão pode levantar-se um livro, como uma espiga de trigo ou flor brava. Ou uma ave. Ou uma bandeira».

Uma bandeira, com toda a certeza, que este Partido continuará a manter de pé ondulando no território e horizonte da nossa luta, onde povoam os imaginados, mas tão verdadeiros Domingos Mau-Tempo, João e António, a Gracinda e Amélia Mau-Tempo ou os "Canastra" como o Sismundo e a Joana ou ainda o Manuel Espada e as reais Catarina, os Adelinos dos Santos, os Caravelas, os Casquinhas da nossa memória mais recente, mas também os Gervásios e os Mirandas e muitos outros que conhecemos de uma vida inteira conduzindo a luta do seu Partido no seio da sua gente. Todos esses aos quais se poderiam juntar Baltazar e Blimunda do *Memorial do Convento* e os homens concretos e com nome que colocando pedra sobre pedra deram forma à monumental obra, levantando-a também do chão. Baltazar e Blimunda essas personagens populares que trazem para o centro do romance «a voz do povo», os seus sentimentos e anseios, em que o Povo, apesar dos medos aos poderes régios e à inquisição, consegue ter voz própria e afirmativa, e também um sonho de ver concretizada uma sociedade em que seja possível que «todas as mulheres sejam rainhas e todos os homens sejam reis».

Uma escrita que funda o homem na sua matriz humana essencial. Uma obra marcada pela vontade de tentar libertar os homens e mulheres de todas as formas de servilismo, evidenciando dessa forma a profunda

**igualdade da sua condição.**

**Este sentido do humano que está expresso em toda a sua obra, com relevo para *Levantado do Chão*, *Memorial do Convento*, *Claraboia* ou *A Caverna*, esta última que nos remete e nos confronta com os problemas reais de mundo, da chamada revolução tecnológica digital e da robótica e do anunciado do «fim do trabalho». Um livro sobre «os que já não são necessários ao mundo», dos que estão sujeitos às opções dos exclusivos interesses do capitalismo dominante, apostado em que está em manter uma sociedade marcada pelo agravamento da exploração, da exclusão, da destruição dos direitos laborais e do próprio direito ao trabalho.**

**Não é o momento de perguntar se uma sociedade fundada em tais pressupostos é viável. Mas se perante essa suposta inevitabilidade os trabalhadores e os povos estariam condenados a aceitar tal projecto sem futuro para si.**

**Em *A Caverna*, e mais uma vez, na essência da sua construção, encontramos a denúncia e um libelo contra a segregação e a transformação do homem numa espécie de robot, secundário e descartável, mas essencialmente um olhar intenso sobre a consciência e a liberdade do homem, do homem que tem a coragem de dizer não, de não querer ser transformado em «prisioneiro do sistema», que tem a coragem de partir, de se emancipar!**

**Um justo e grande objectivo só alcançável pela luta e a acção colectiva dos homens que querem e procuram os caminhos de uma sociedade liberta da exploração do homem pelo homem. Um caminho que se faz de muitas lutas e o decisivo contributo dos comunistas e do seu Partido!**

**Sabemos quão vasta é a obra de José Saramago e quanto fica de fora destas palavras que são de reconhecimento e de celebração. Quantos romances, do**

# Diário de Notícias

FUNDADO EM 1864

DIRECTOR: MÁRIO BETTENCOURT RESENDES | DIRECTOR ADJUNTO: ANTÓNIO RIBEIRO FERREIRA | PREÇO (IVA INCLUIDO) 100€ - 100 PESETAS | ANO 134.º N.º 47.316 SEXTA-FEIRA, 9 DE OUTUBRO DE 1998

REGIÃO

Função pública:  
Coelho diz que emenda  
da oposição põe  
em causa Orçamento

PÁGINA 39

INICIATIVA

## Uma oferta especial hoje com o DN

A obra de José Saramago «Objecto quase»,  
ilustrada pelo artista mexicano Juan Sebastián Barberá

SUPLEMENTO JORNALIVROS

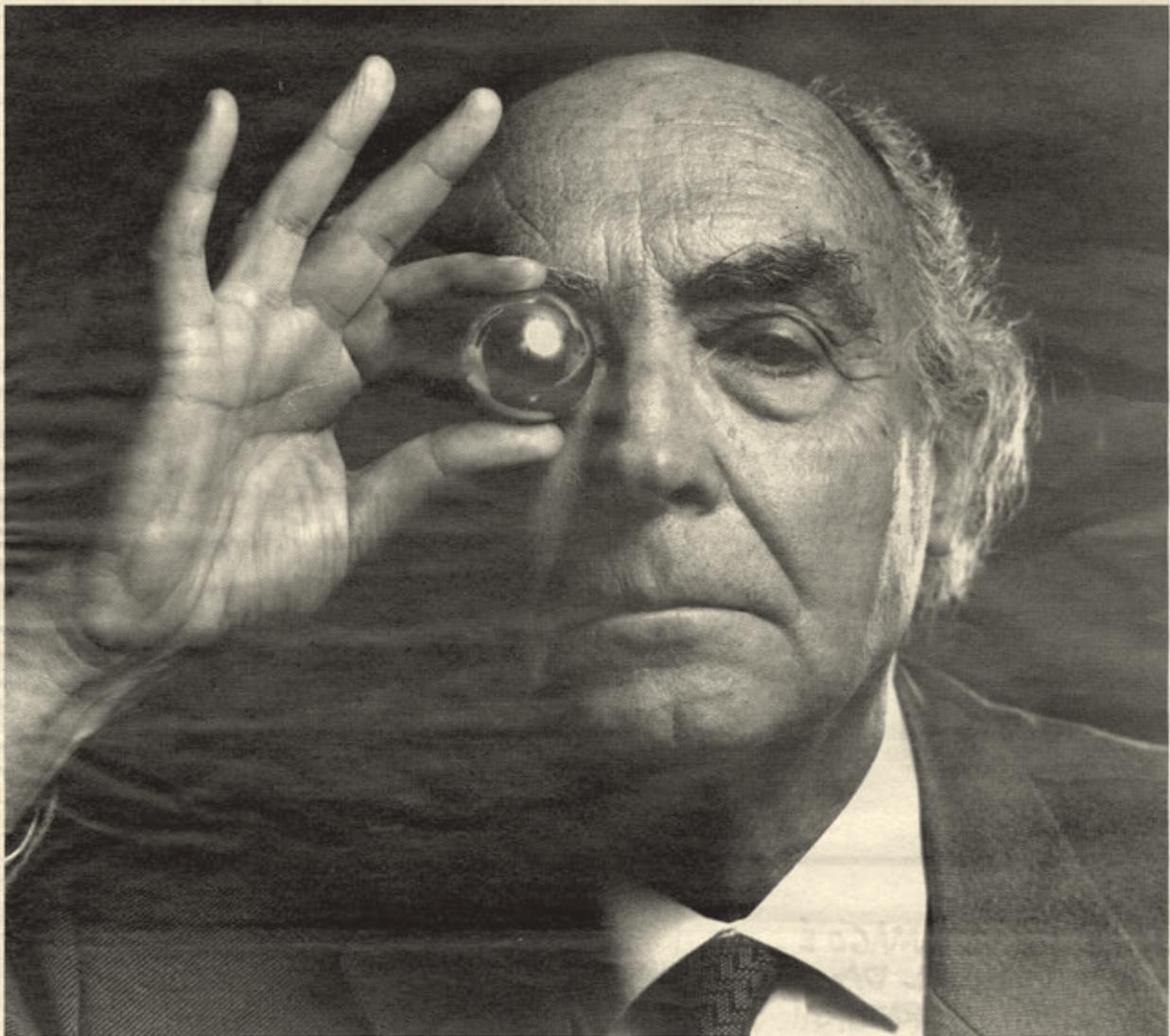


NACIONAL

Franco não se demite,  
Guterres pede reunião  
a PGR e Cravinho  
«combate» a corrupção

PÁGINA 12

## JOSÉ SARAMAGO PRÉMIO NOBEL DA LITERATURA 1998



*José Saramago*

Páginas 2 a 11 e 64

PUBLICIDADE



Mais certo Mais perto

Esteja atento. O Código Postal  
ganhou 3 novos números.

Linha Código Postal 0909 21 21 21 • www.ctt.pt



*Ano da Morte de Ricardo Reis à Jangada de Pedra, do Ensaio sobre a Cegueira a Todos os Nomes, do Homem Duplicado à Viagem do Elefante*, quantos contos, quanta poesia, teatro e crónicas de uma obra ímpar, poderiam aqui ser recordados. Quanto aqui poderíamos trazer de opiniões avalizadas para lembrar, neste dia de celebração, a grandeza do universo próprio de José Saramago como um autor maior das nossas letras. Desse universo onde habitam os valores do humanismo, da solidariedade, da justiça que são, como muitos o reconhecem e proclamam, as traves mestras do seu discurso, construído também numa peculiar relação entre a ficção e a história em muitos dos seus livros. Uma obra que, sendo universal, não renega raízes nacionais, que busca também inspiração no que a Literatura Portuguesa tem produzido de melhor ao longo do tempo.

Celebramos os 20 anos do Prémio Nobel e nesta celebração evocamos o homem que desde muito jovem tomou lugar na luta pela libertação do seu povo e contra o fascismo.

Essa hidra venenosa – arma de arremesso contra o movimento operário – que agora retoma um inquietante levantar de cabeça, nuns sítios às claras e provocatoriamente, noutros a coberto de disfarces vários e novas aparências e alteradas características. Da Espanha chegava-nos há dias um último exemplo da acção da serpente aninhada numa pseudo nova força política transnacional, ali pronta a acolher os herdeiros de um franquismo sangrento e cruel e sedento de vingança, mas há muito que os sinais de alarme da emergência das forças fascistas, racistas e xenófobas soaram noutros países europeus, mas também noutros continentes, como nos mostra o Brasil da reacção golpista da extrema-direita.

Uma preocupante evolução que tem causas diferentes em diferentes espaços, mas tem como

**pano de fundo a aguda crise estrutural do capitalismo e a expressão do aprofundamento do seu carácter explorador, opressor, agressivo, mas também reaccionário.**

**Causas várias, mas onde predominam como causas maiores as políticas de rapina e ingerência e de guerra contra os povos e o seu direito a decidir soberanamente do seu futuro. Uma política que tem conduzido a um violento aumento da exploração do trabalho, destruição de direitos sociais, brutais ataques à soberania dos povos e a uma gigantesca e crescente concentração e polarização da riqueza. Uma política que servindo os senhores do dinheiro e do mundo, despreza o homem e os seus direitos e degrada a democracia, como nos dizia também Saramago no discurso de agradecimento do Nobel em Estocolmo: «Chega-se mais facilmente a Marte do que ao nosso próprio semelhante». (...) «aqueles que efectivamente governam o mundo, as empresas multinacionais e pluricontinentais cujo poder, absolutamente não democrático, reduziu a quase nada o que ainda restava do ideal de democracia».**

**Esse poder que tem contado com a conivência daqueles que no ensaio de José Saramago «A verdade e a ilusão democrática», publicado no dia em que faria 90 anos com pertinência apontou e tão válido na realidade do mundo de hoje: «Efectivamente, dizer hoje “governo socialista”, ou “social-democrata”, ou “democrata-cristão”, ou “conservador”, ou “liberal” e chamá-lo “poder”, é como uma operação de cosmética, é pretender nomear algo que não se encontra onde se nos quer fazer crer, mas sim em outro e inalcançável lugar - o do poder económico -, esses cujos contornos podemos perceber em filigrana por detrás das tramas e das malhas institucionais».**

**Dizemos nós, está na hora e é possível conter e inverter este perigoso caminho, não entregando a**

**qualquer directório de gendarmes, sem legitimidade democrática, o policiamento dos povos e dos países, segundo os critérios dos próprios algozes, mas com outras políticas respeitadoras dos interesses dos trabalhadores e dos povos e reforçando a sua luta e o aprofundamento da sua solidariedade e cooperação mútuas!**

**Evocámos o militante comunista e escritor presente e interveniente activo, desde os idos anos 1940 nas mais diversas actividades da Resistência antifascista e os perigos do tempo presente.**

**Mas este também é o momento de evocar a empenhada e dedicada intervenção de José Saramago na defesa dos valores de Abril que no concreto assumiu, nos seus propósitos de liberdade, transformação social, de efectivação dos direitos sociais universais, elevação cívica e cultural e independência nacional, e na defesa do projecto, em importantes combates políticos e eleitorais, nomeadamente como candidato ao Parlamento Europeu, em todas as eleições, desde 1987 a 2009.**

**O momento de evocarmos o intelectual empenhado e atento que conseguiu, através das palavras, subir ao povo, com ele comungar as agruras, a fome, as lutas e, nessa condição, afirmativa e corajosa, enfrentou aqueles que tentavam em desespero, na Revolução de Abril, um regresso ao passado sinistro da ditadura e se assumiu como um construtor de Abril, servindo os trabalhadores, o povo e o País.**

**Foi bonita a festa que aqui realizámos há vinte anos atrás. Aqui nesta casa que era também sua e à qual voltou no mesmo dia em que regressou a Lisboa, após à atribuição do Nobel para nela se encontrar com os seus camaradas e o seu Partido de sempre. Foi sim, uma festa bonita e profundamente emotiva. Uma Festa que queremos, podemos e devemos prolongar lendo e relendo, saboreando e reflectindo sobre cada página**

**da sua obra. Essa obra de um escritor que veio do povo trabalhador, a quem amou e foi fiel. Esse homem que amando o seu povo, amou Abril, com tudo o que comportou de sonho, de transformação e de avanço progressista! Esse homem, escritor e comunista, que o PCP jamais deixará de o celebrar não apenas com um escritor maior da Literatura Portuguesa, mas também como o homem comprometido com os explorados, injustiçados e humilhados da terra, que assumiu valores éticos e um ideal político do qual não abdicou até ao fim da sua vida!**

**20**  
**ANOS**  
**PRÉMIO**  
**NOBEL**



WWW.WOMENS

RAVENS

andrea  
brites





### ***O Lagarto: uma alegoria sobre a leitura***

A coincidência é feliz. No mês em que se comemoram duas décadas do anúncio do Prémio Nobel de Literatura a José Saramago é apresentado em Frankfurt o catálogo da 15.<sup>a</sup> seleção White Ravens, uma prestigiada e criteriosa escolha de livros para crianças e jovens publicados em todo o mundo, por especialistas da Biblioteca Internacional da Juventude.

Entre os quatro autores portugueses consta precisamente José Saramago com o livro ilustrado *O Lagarto*. Não é uma estreia, já que em 2016 *A Maior Flor do Mundo* também integrou o catálogo desse

ano. Todavia, a descrição que acompanha a capa do livro merece destaque e reflexão: «The author's characteristic narrative style is allegorical, slightly fairy-tale-like and shifts fluidly between realism and fantasy. It is employed here to tell the story of a big, green lizard who appears in the middle of Chiado, a busy Lisbon neighbourhood. Impressed by the imposing figure of the wondrous creature, people are nonetheless unsure, fearful, and hostile toward it. Embattled by so much ignorance and animosity, the animal transforms itself into a rose and then into a dove, who flies away.»

Não é que o texto, escrito em 1973 numa coletânea de crónicas, *A Bagagem do Viajante*, tivesse sido pensado para o público mais jovem, e que o impacto da sua leitura fosse o mesmo de hoje. Aqui





se depreende qual o papel do editor, aquele que lê e relê, neste caso Alejandro García Schnetzer, que conseguiu antecipar o alcance de leitura que a autonomização do texto num livro de capa dura com um formato de álbum poderia trazer. A escolha do ilustrador brasileiro J. Borges foi igualmente sua, e mais uma vez comprovou-se acertada, com as ilustrações na técnica de xilogravura que remetem para um folclore alegórico, misterioso e quiçá, a espaços, assustador. O poder transfigurador da leitura pode encontrar-se a montante do livro que se produz e o reconhecimento da lista White Ravens vem confirmá-lo. Mas não apenas ou especialmente pela ideia. Sobretudo pela mensagem e pela sua validade política. A força imagética e alegórica deste *Lagarto* expandiu-se e tornou-se universal. O outro, o estranho, o inexplicável para uma determinada ordem pode ser qualquer um, em qualquer lugar. Basta que não se enquadre na ordem escolhida por muitos ou por poucos, em suma, pelo poder. Quando Saramago escreve o texto a ditadura agonizava, mas ninguém sabia até quando duraria. O conto, enquadrado na época, tem uma relação inequívoca com a situação política portuguesa e chega à ironia de quase antecipar, em jeito de epifania, que a Revolução chegaria com flores. Esta será a leitura de quem

conhece o contexto em que o conto é publicado originalmente. O que se perdeu entre 1973 e 2016 para a interpretação do texto? Em rigor, nada. Ao invés, as leituras podem multiplicar-se em função da biografia leitora de quem lê. Isto é, das suas referências, das suas outras leituras, do contexto em que vive, da sua idade.

### ***Ser universal é sobreviver ao presente***

Idália Tiago já mostrou *O Lagarto* a vários grupos de adolescentes que orienta na visita guiada à Fundação José Saramago, na Casa dos Bicos, em Lisboa. É ela quem conta que alguns, alunos do 11.º ou 12.º ano, associam as rosas aos cravos do 25 de abril. É, obviamente, anacrónico. Não deixa, todavia, de revelar que o conto continua a provocar nos leitores mais novos o estabelecimento de relações com o mundo que lhe garante, ao próprio texto, a sobrevivência. Essa é, aliás, a condição basilar para a duração de um livro: tem de levar o leitor a fazer associações com o seu conhecimento prévio, seja do mundo, seja da literatura. Sem esse





efeito de expansão, a leitura morre na indiferença do sentido. Mesmo que a academia continue a dar novas vozes críticas ao texto, se ele deixa de dialogar sem intermediários com o seu leitor cristaliza, e logo agoniza e morre.

Este Lagarto emancipado consegue-o e a prova está nas leituras que os novos leitores partilham. Mais ainda, a atualidade, seja ela em relação aos migrantes e refugiados, seja nas repressões policiais e militares que se sucedem em diversos países sob o espectro do silêncio internacional, seja ainda nas *fake news*, não está longe desta alegoria. A velha que entra em histeria, os lojistas que encerram as lojas, a intervenção armada, todos colaboram para a sua própria segurança que temem estar em perigo sem que nada o evidencie. Apesar da sua dimensão extraordinária e do inusitado da situação, o Lagarto não faz mais do que se elevar, perante uma agitação que o faz temer, e neste caso com razão, pela própria vida.

O acontecimento injustificável que surpreende personagens e



leitores no final abre alguns caminhos interpretativos, da história da literatura às biografias individuais. Pode ecoar Machado de Assis, pródigo em pequenos mistérios que desassossegam toda uma narrativa, pode hoje defender-se um realismo mágico em potência. Certo é que os mais novos, em turmas de 7.º ou 8.º ano, se preocupam muito em encontrar razões para tudo, tanto para a metamorfose (o *Lagarto* foi mais afortunado que o escaravelho de Kafka) como para o próprio surgimento do majestoso réptil. O desconforto que os faz procurar respostas coloca-os, de alguma forma, ali, também eles no Chiado, já que o incompreensível se estende para lá do contexto ficcional. Todavia, e apesar dessa urgência, não escondem uma empatia com o animal e pela sua situação vulnerável provocada por uma injustificável injustiça. Apesar de não haver poções mágicas, portais, tecnologia ou segredos que guardem poderes infinitos, estes jovens reconhecem qualquer

coisa que oscila entre o terreno dos monstros fantásticos e a realidade concreta do medo, das armas, da cobardia.

Quase meio século depois, o texto renasce como novidade para muitos leitores de Saramago, que não conheciam *A Bagagem do Viajante*, e para tantos outros não leitores. É uma nova oportunidade, para todos, de ser lido e relido de novas formas, de acordo com experiências geracionais, conhecimento da obra do autor e do contexto em que o texto foi publicado originalmente. Nesta renovada criação de teias de leitura, *O Lagarto* chega tanto ao público em formação como ao público adulto e alimenta novos possíveis diálogos sobre apropriações e pensamentos.

### ***O Lagarto entre a Estátua e a Pedra***

Será por demais arrojado ler este conto à luz das reflexões que José Saramago profere em *A Estátua e a Pedra*?



É certo que ali se debruça apenas sobre as narrativas longas, todas elas romances ou novelas, se excetuarmos *As Pequenas Memórias*. Ainda, o marco temporal que estabelece para esta autoanálise literária tem início em 1977, com *Manual de Pintura e Caligrafia*, o primeiro romance que escreve depois de *Terra do Pecado*, e do qual dista em cerca de duas décadas. *A Bagagem do Viajante*, onde se publica "O Lagarto" pela primeira vez, data de 1973. «Tinha já uns quantos livros publicados, cinco ou seis, nada de importante, alguma poesia, crónicas literárias que foram sendo publicadas em vários jornais e pouco mais.» Fica o leitor informado de que, de acordo com o escritor, "O Lagarto" foi escrito como crónica literária. É então possível que a sua autonomização num livro ilustrado lhe possa conferir uma unidade outra, a do conto? Será a sua universalidade mais nítida agora que perdeu o contexto da coletânea original?

Tendo em linha de conta a estrutura sintética do texto, muitos dos exemplos apresentados por Saramago sobre as





composições narrativas e o trabalho de personagem não se aplicam, evidentemente, a *O Lagarto*. Não podemos, no entanto, negar que este texto encerra já muitas das características da escrita do autor: uma tese ou ideia forte, a ironia, o cotejar da língua, a implicação, o metatexto, o inexplicável. Aqui, o prodígio é justificado com a existência de fadas, mas com um quase sarcasmo que denuncia a necessidade de que tudo tenha uma razão de ser mesmo que não se adeque à situação, ao acontecimento.

Na verdade, a componente de fantástico será mais tarde reciclada pelos estudos literários numa variante ou aproximação ao realismo mágico tão pródigo na literatura latino-americana. Os poderes de Blimunda, as conversas entre Fernando Pessoa e Ricardo Reis são dois exemplos mais canónicos de uma presença inexplicável. Mas mais do que essa construção muitas vezes ligada ao místico, o que flui em toda a obra do escritor é precisamente o inexplicável que, em *O Ensaio sobre a Cegueira* ou em *O Homem Duplicado*, por exemplo, dá o mote para o conflito e para a revelação mais cruel e paradoxal do ser humano. A certa altura, José Saramago



afirma, em *A Estátua e a Pedra*, qual o cerne da sua escrita: «E a minha ideia, ou melhor, a minha preocupação, neste momento ou mais provavelmente desde sempre, ainda que nos últimos títulos se tenha tornado mais evidente, é considerar o ser humano como prioridade absoluta. Por isso, o ser humano é a matéria do meu trabalho, a minha quotidiana obsessão, a íntima preocupação do cidadão que sou e que escreve.» Embora com as devidas distâncias que a forma textual curta implica, não há grandes dúvidas sobre o tema principal do conto *O Lagarto*, que explora as reações coletivas a um fenómeno incompreensível, assumindo imediatamente a força e o poder destrutivo ao invés de ensaiar uma aproximação através da observação do outro. O tema, ou a ideia forte, pode ser político mas não se esgota aqui, é claramente filosófico. Nesse sentido talvez possamos associar esta crónica literária, no momento do seu nascimento, àquilo que o autor considera ser a fase da *Estátua*, em



que se descreve a superfície, isto é, a aparência do Lagarto e a reação dos transeuntes e das forças de intervenção. Hoje, quando a lemos numa possível transmutação em conto, e a lemos com as ilustrações de J. Borges, podemos lê-la pelos silêncios, pelos vazios, pela essência que pode ser a pedra, e que ao ser ausente do texto, reserva para si grande parte da chave de leitura. Do Chiado para um lugar universal foi um caminho que o texto percorreu, não sem a mão de um editor que lhe renovou a vida, mas que percorreu, de facto, sendo um paradigma da escrita de José Saramago. É uma porta de entrada para os leitores que se iniciam na sua obra, estejam eles em formação ou sejam já leitores literários competentes. Interessa sobretudo reter três aspetos: a sua longevidade, a sua metamorfose, a sua universalidade. A partir daqui a leitura resiste ao presente e continuará a criar novos leitores e a multiplicar-se em sentidos.

and the winner is...



O REENCONTRO  
É SEMPRE UMA FESTA!

# Juan Negrescolor

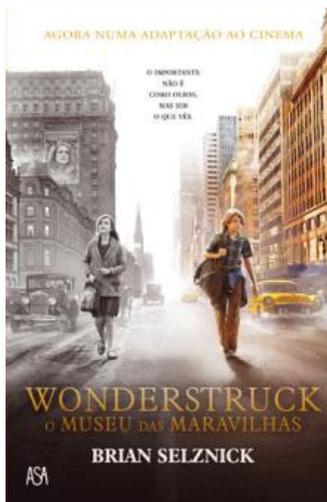
## Prémios Junceda

**A cidade dos animais, do catalão Joan Negrescolor vence o Prémio Junceda a dobrar: o Prémio Gran Junceda e Prémio Junceda Livro Infantil de Ficção. Depois do Golden Pinwheel em 2017, na Feira do Livro de Xangai, chega agora este duplo reconhecimento da Catalunha. Os Prémios Junceda foram criados em 2003 pela Associação Profissional dos Ilustradores da Catalunha e distinguem trabalhos de ilustração em diversas áreas, desde a editorial, a banda desenhada, a científica, de animação, de publicidade entre outras. Em todas as categorias, exceto na do Prémio Junceda Internacional, é critério obrigatório que o ilustrador concorrente resida na Catalunha. Assinala-se que o livro é um projeto original da editora portuguesa Orfeu Negro que apostou com sucesso nesta que é a primeira obra escrita e ilustrada por Joan Negrescolor.**

# espelho meu

ANDREIA BRITES

## **WONDERSTRUCK: O MUSEU DAS MARAVILHAS** Brian Selznick Asa



Passados alguns anos sobre *A Invenção de Hugo Cabret*, o americano Brian Selznick regressa à narrativa de estilo híbrido em que texto e imagem são autônomos e cada um suporta uma intriga complementar. Ao longo da primeira parte apenas alguns apontamentos unem as duas histórias: a tempestade é a principal. As informações dadas ao leitor situam cada uma em tempos diferentes, uma em 1977 e outra em 1927. No entanto, ambos os protagonistas vivem uma angústia profunda. A de Ben é conhecida logo no início, quando deitado na cama pensa na mãe que morrera há uns meses. Rose, por seu turno, parece viver enclausurada numa bela casa com vista para Nova Iorque. A sua fuga é o primeiro momento de ação e mistério do livro. A páginas tantas, e são muitas que se leem velozmente, as peças do puzzle começam a fazer sentido. Há uma clara relação entre as duas crianças e aqui eclode em força a poética abordagem ao tema principal. A surdez não é o centro,

é o recurso, é a condição para algo do foro da construção da identidade. Todavia, a ação progride com todos os elementos diegéticos em colaboração: avanços e suspensões, pausas reflexivas ou contextuais, interações com outras personagens, mudanças no espaço. O Museu como lugar de memória e de liberdade, de escolha, de narração tem dois níveis de leitura explícitos na própria narrativa: o final de uma busca, o encontro epifânico de Ben com os vestígios da história do pai e a salvação de Rose pelo irmão por um lado e por outro a forma de prestar atenção ao mundo através da ação de colecionar.

Na terceira parte do livro encaixam-se as peças em falta e unem-se as duas linguagens narrativas numa única intriga. Ao longo das duas partes anteriores,

em que os protagonistas caminham a passo na sua fuga e libertação, começam a suceder-se indícios de que algo de biográfico os une, nem que seja porque ambos são surdos e ambos acabam por ser salvos no mesmo museu, o Museu Americano de História Natural. De certa forma, o tom moralista e dramático das memórias de Rose bem como as reações de afetividade fácil de Ben transformam uma tese sobre a relação com a memória e a representação de si e do outro numa espécie de *happy end* superficial. Não fora a ideia de esconder uma história individual num Panorama de Nova Iorque e tudo ficaria para segundo plano entre declarações de amor, coragem, saudade e amizade que de tudo o que pode definir uma identidade, foram as mais banais.

## O SECADOR DE LIVROS

**Carla Maia de Almeida**  
**Sebastião Peixoto**  
**Caminho**



Em todos os textos literários de Carla Maia de Almeida, e em alguns não literários também, há um pendor reflexivo que ganha forma através de metáforas e alegorias. O sentido poético da sua prosa tem sido uma quase constante, embora se verifique mais em *Não quero usar óculos*, *Ainda falta muito* e *Onde moram as casas*, todos álbuns infantojuvenis editados igualmente pela Caminho. Em *Amores de Família*, por se tratarem de retratos de famílias, o espaço dedicado a cada uma obrigava a uma economia textual mais concisa. Apesar disso, a suspensão acontece também através de descrições que relacionam o risível com os sentimentos mais profundos do que se pode entender por alma ou carácter.

Serve o preâmbulo para justificar uma certa perplexidade do leitor conhecedor do trabalho da escritora. Desengane-se porém quem considerar que esta afirmação encerra desilusão. Haverá mais leveza, mais uso do cómico de situação, que aliás constrói a lógica destas relações hiperbolicamente apaixonadas com os livros. É precisamente disso que se trata: da exploração do exagero como elemento surpresa. A família protagonista, Bronca de nome, tem em comum uma ligação visceral aos livros e à leitura. Há avós, filhas e genro, netas e netos e obviamente, irmãs e irmãos, tias e primas. Ainda, e não de somenos importância, um gato preto de nome Edgar que, se calha, vomita para cima dos

livros. Edgar e gato preto... Soa uma campainha? Ora, cada um provoca desastres aos seus queridos objetos, de tanto os quererem por perto e de tanto uso lhes darem. Se num primeiro nível de leitura o humor satisfaz, num segundo deparamo-nos com uma desconstrução. Pois se é o amor aos livros que os destrói, é o amor aos livros que os desloca do seu lugar estereotipado de inacessibilidade. Em nenhum momento o narrador se detém a ajuizar o comportamento dos leitores, centrando-se no sofrimento dos livros. Não há moralismo, há dessacralização e da boa, que vai de várias experiências com água à baba durante o sono. Ainda, como cada um vai desenvolvendo os seus hábitos da forma que mais lhe convém, as peripécias mais não são do que reveladoras de múltiplas possibilidades do prazer de ler.

E depois chega o momento da epifania: só quem tenha imaginação, por outras palavras, uma grande disponibilidade para entrar e sair de outros mundos, sentir e des-sentir, experimentar, pode lembrar-se de algo assim. E nada disto é dito ou sugerido. Apenas e tão só que uma magnífica máquina foi construída para resolver o problema do desgaste e perda de tão essenciais objetos para a felicidade daquela família. Podíamos ficar por aqui e já não seria frustrante mas a primeira invenção, como quase sempre acontece, revela falhas. E, até chegarmos à segunda, descobrem-se outras tantas curiosidades. Finalmente o sucesso abre as portas a uma interpelação direta ao leitor. E claro que não é para ler! Até porque, neste momento, a leitura da narrativa já se imbricou com uma ideia do que pode significar o prazer de ler, e ainda foram deixadas muitas pistas sobre personagens, autores e títulos de livros para abrir o apetite.

A acompanhar o texto, Sebastião Peixoto, que pela primeira vez faz dupla com a escritora, desvenda ao leitor os retratos desta família que provoca tamanha curiosidade. A escolha dos lugares e das características próprias de cada um, assim como os movimentos do seu corpo conferem a estas personagens um sentido animado, cheio de referências e ao mesmo tempo com qualquer coisa de irreal. As formas curvas dos rostos, totalmente redondos, com olhos redondos e rosáceas, bem como os narizes pontiagudos confirmam um estado de alegria e ingenuidade. Já a máquina, com os seus botões coloridos, os tubos e as alavancas e os parafusos enormes remete para inúmeras engenhocas pouco científicas. Tudo é conforto naqueles espaços de intimidade, nos cadeirões, nos padrões do chão ou das paredes, nos pequenos detalhes que perpassam as divisões e lhes dão tempo e memória. Isto, claro, apimentado com os acidentes que deixam a sua marca bem visível nos livros, os grandes sofredores da história!

**DIAS DO  
DESASSOSSEGO'18  
16-30 NOV**

 Fundação  
José Saramago



Casa  
Fernando  
Pessoa

 **EGEAC**

# PROGRAMA

## 16 NOV

ABERTURA

MÚSICA

### EL SUR

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

SEXTA, 18H30, 4€

96º ANIVERSÁRIO DE JOSÉ SARAMAGO

Ao longo de todo o dia, entre as 10h e as 18h, a entrada na Fundação José Saramago é livre.

## 17 NOV

PARA A INFÂNCIA

### OFICINA DO SILÊNCIO MARINA PALÁCIO

CASA FERNANDO PESSOA

sábado, 11h00, duração: 120'

2€ criança / 4€ adulto Dos 6 aos 11 anos

Inscrições:

servicoeducativo@casafernandopessoa.pt

LEITURA-CONCERTO

### POEMAS ESPIRITUAIS DE ORIENTE E OCIDENTE CRISTA ALFAIATE E NORBERTO LOBO

IGREJA DE SANTA ISABEL — CAMPO DE OURIQUE

SÁBADO, 16H30, DURAÇÃO 75', ENTRADA LIVRE

Leituras Crista Alfaiate Música Norberto Lobo Produção

Filho único Seleção dos poemas João Barrento

## 18 NOV

PASSEIO LITERÁRIO

### LISBOA, ONDE O MAR SE ACABOU E A TERRA ESPERA

PONTO DE ENCONTRO: FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

Domingo, 10h00. DURAÇÃO: 120'

7€ / Maiores de 16 anos

Inscrições: secretaria@josesaramago.org

## 19 NOV

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

### VISITA

SEGUNDA, 15H00, DURAÇÃO 90', 3€

VISITA acessível com interpretação EM Língua

Gestual Portuguesa; Marcação até 24 HORAS

antes em secretaria@josesaramago.org

## 20 NOV

MESA-REDONDA

### LEITORES FEITOS DE LIVROS

CASA FERNANDO PESSOA

TERÇA, 18h30, Duração: 90', ENTRADA LIVRE

Com Ana Bacalhau e Samuel Úria

Moderação Gonçalo Frota

Sessão acessível com interpretação Língua

Gestual Portuguesa; Marcação até 24 HORAS

antes em visitas@casafernandopessoa.pt

## 21 NOV

CICLO DE LEITURAS

### SEM CASAS NÃO HAVERIA RUAS

## A CENSURA MORA AO LADO

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

QUARTA, 18H30, DURAÇÃO: 60', ENTRADA LIVRE

Com João Carlos Barradas, Maria João Guimarães e Rui Tavares (a confirmar) Organização Editora BOCA

## 22 NOV

QUINTAS DE LEITURA

### AINDA NÃO HÁ CAMAS SÓ PARA PESADELOS

AUDITÓRIO DO TEATRO CAMPO ALEGRE, PORTO

QUINTA, 22H00, DURAÇÃO: 90'

7,50€ / MAIORES DE 12 ANOS

Com Rui Manuel Amaral, Teresa Coutinho, Crista Alfaiate, Adolfo Luxúria Canibal, Alex Gozblau, João Paulo Esteves da Silva, Lobos de Barro, Radar 360°

Programador João Gesta

## 24 NOV

PASSEIO AUDIOGUIADO

### NÃO SEI O QUE O AMANHÃ TRARÁ

PONTO DE ENCONTRO: LARGO DE SÃO CARLOS

sábado, 10h00, Duração: 180',

7€ / Maiores de 12 anos

Com Sofia Saldanha

Inscrições: visitas@casafernandopessoa.pt

PARA A INFÂNCIA: TEATRO

### O LAGARTO

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

sábado, 16h30, Duração: 60'

2€ CRIANÇA / 4€ ADULTO / Maiores de 3 anos

Criação Fernando Casaca — Teatro do Elefante

Texto original José Saramago

Com Fernando Casaca e Mário Lobo

LEITURA-CONCERTO

### PESSOA PROSADOR: DRAMA, POLÍTICA & OUTROS DESASSOSSEGOS

CASA FERNANDO PESSOA

sábado, 21h00, Duração: 75', ENTRADA LIVRE

Maiores de 12 anos

Leituras Nina Vigon Manso, José Barreto, Filipa de Freitas

Organização Carlos Pittella Leite Música original Vinicius

de Castro

## 25 NOV

LEITURA ENCENADA

### MENINAS POUCO EXEMPLARES

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS foyer

domingo, 17h00, Duração: 80', ENTRADA LIVRE

Maiores de 12 anos

Interpretação Ana Brandão, Carla Bolito, SARA de Castro

e Carlos Bica (MÚSICA)

## 26 NOV

OFICINA

### JOGO DOS DIREITOS E DEVERES

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

SEGUNDA, 18H30, DURAÇÃO 80', ENTRADA LIVRE

Com Miguel Simões e Suzana Branco

Inscrições: secretaria@josesaramago.org

## 27 NOV

MÚSICA

### BIBLIOTECA DOS MUSICOS

CRISTINA BRANCO

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

SALA LUÍS MIGUEL CINTRA

TERÇA, 21h00, 12€ - 15€ (Com descontos)

Voz Cristina Branco Piano Luís Figueiredo

Guitarra portuguesa Bernardo Couto

Contrabaixo Bernardo Moreira

## 28 NOV

SESSÃO 20 ANOS NOBEL

MESA-REDONDA

### LER E DAR A LER

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

QUARTA, 18h30, DURAÇÃO: 90', ENTRADA LIVRE

Com Paula Santos

Sessão acessível com interpretação em Língua

Gestual Portuguesa; Marcação até 24 horas

antes em secretaria@josesaramago.org

## 29 NOV

AULA DE POESIA MUNDIAL

### CAMÕES HERÓICO E ERÓTICO

CASA FERNANDO PESSOA

Quinta, 18h30, DURAÇÃO: 90', ENTRADA LIVRE

Com João Figueiredo

## 30 NOV

CASA FERNANDO PESSOA

### VISITA

SEXTA, 15h00, Duração 90', ENTRADA LIVRE

VISITA acessível com interpretação EM Língua

Gestual Portuguesa; Marcação até 24 HORAS

antes em visitas@casafernandopessoa.pt

Ao longo de todo o dia, entre as 10h e as

18h, a entrada na Casa Fernando Pessoa

é livre.

## 30 NOV E 1 DEZ

LEITURA ENCENADA

### INVENTAR OS SEUS AMIGOS

CASA FERNANDO PESSOA

SEXTA E SÁBADO, 18h30, DURAÇÃO: 50'

8€ (com descontos), Maiores de 12 anos

Concepção e Interpretação Miguel Loureiro

Música Maria do Mar Desenho de Luz Daniel Worm

Produção Nuno Pratas — Culturproject

## PROGRAMA PARALELO

### A PARTIR DE 17 NOV

ARTE URBANA

### OPIEMME

RUA DO PATROCÍNIO, 110 — CAMPO DE OURIQUE

### A PARTIR DE 19 NOV

OFICINA

### DESASSOSSEGO NA PAZ

CASA DE ABRIGO APAV — ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE APOIO À VÍTIMA

COM CLÁUDIA SOUSA PARCERIA APAV

# Um euro.

**Casa Fernando Pessoa  
Fundação José Saramago**

**Bilhetes de 1€ na segunda Casa de Autor  
mediante apresentação do bilhete de entrada  
na primeira Casa visitada. O desconto  
tem a validade de 10 dias.**

**10**  
ANOS  
YEARS  
AÑOS



Fundação  
José Saramago

Casa dos Bicos  
Rua dos Bacalhoeiros, 10  
Tel. +351 218 802 040  
[josesaramago.org](http://josesaramago.org)



Casa  
Fernando  
Pessoa

Rua Coelho da Rocha, 16  
Campo de Ourique  
Tel. +351 213 913 270  
[casafernandopessoa.pt](http://casafernandopessoa.pt)



Que boas estrelas estarão cobrindo  
os céus de Lanzarote?

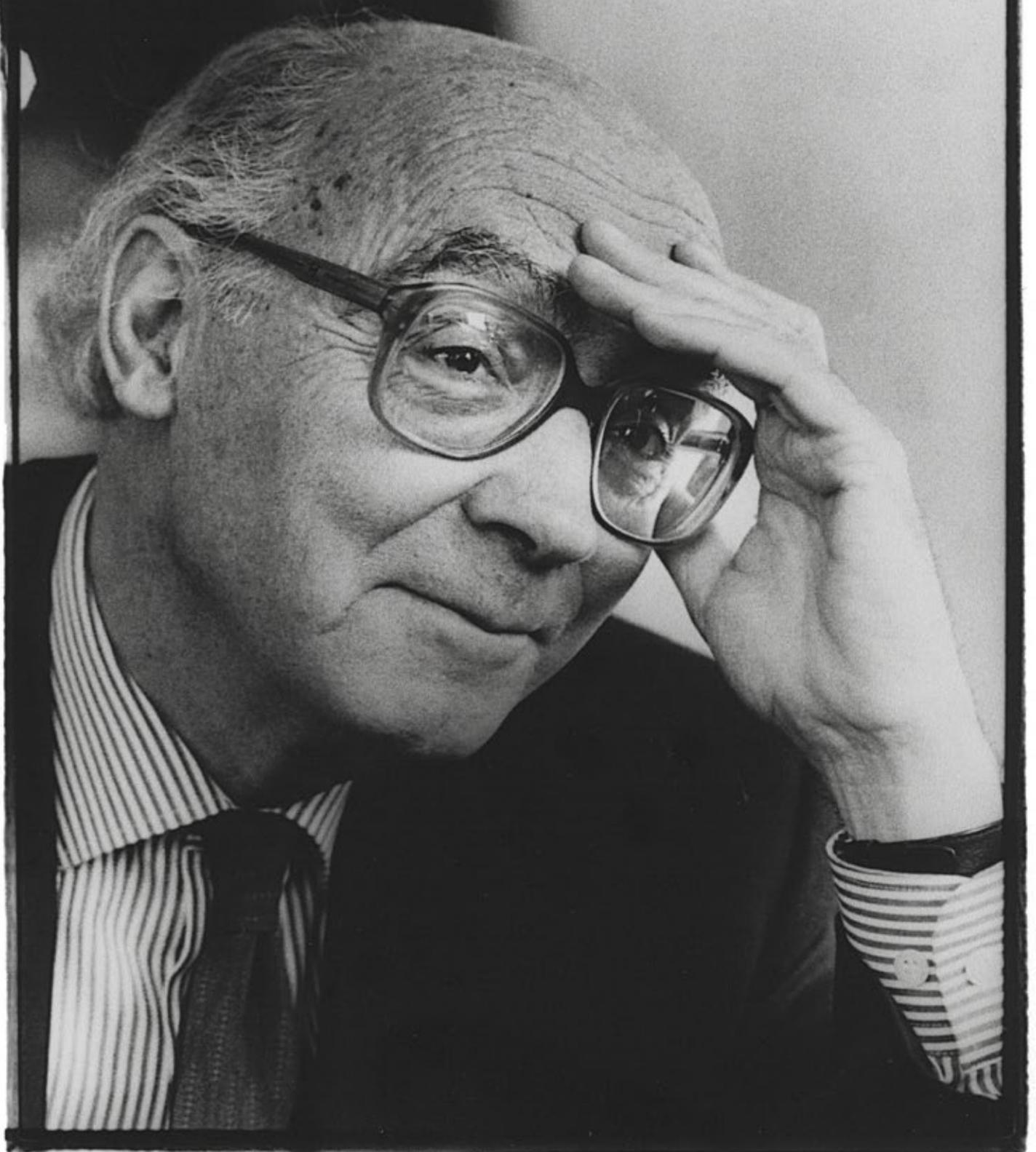
# A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.  
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.  
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.  
Last entrance at 13.30pm.

**Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands**  
**[www.acasajosesaramago.com](http://www.acasajosesaramago.com)**



# outubro



Jose Saramago

# DESTE MUNDO E DO OUTRO



**31 outubro**

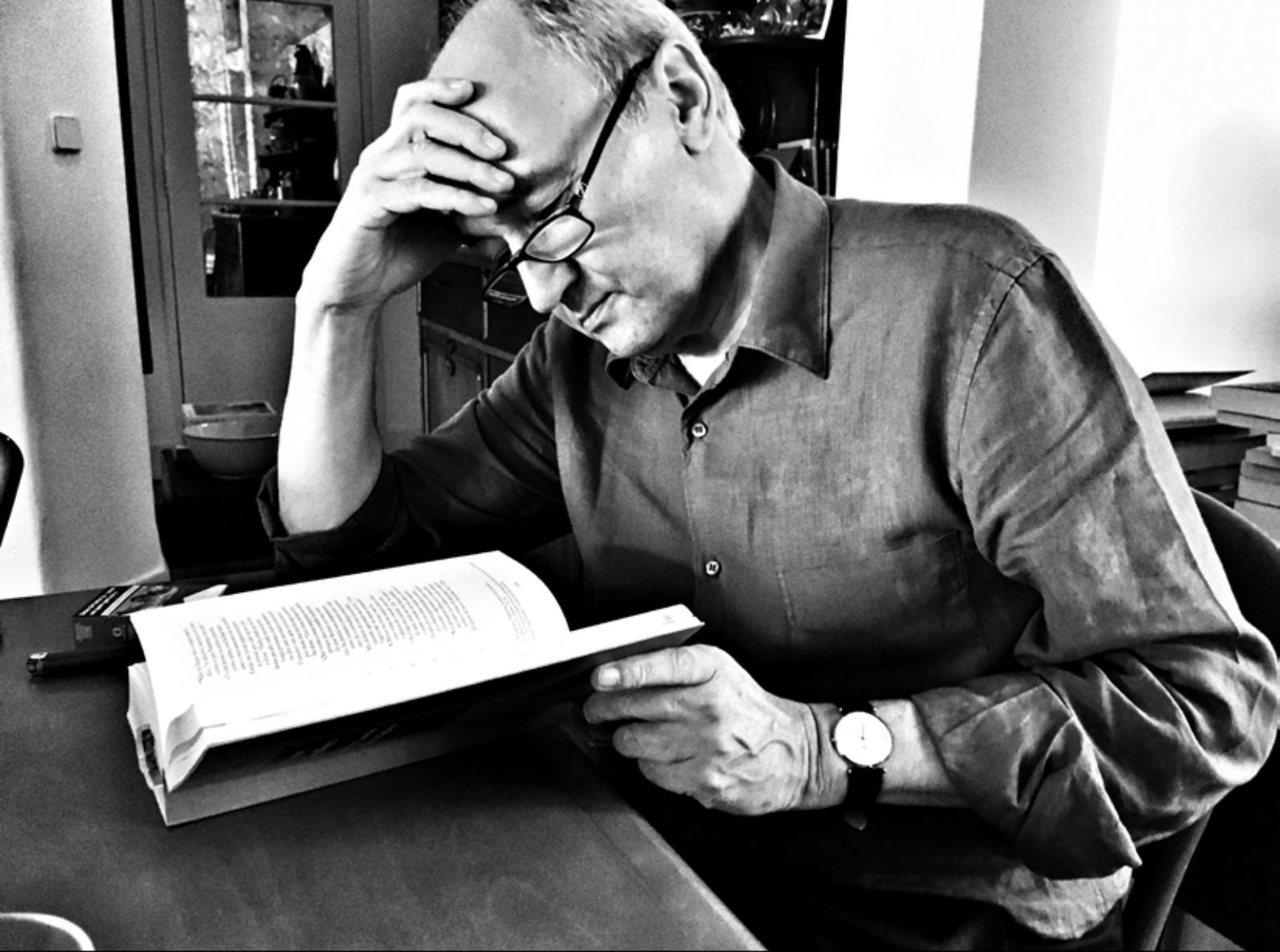
FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO, LISBOA, 18H30.

**Sessão com Ana Margarida Carvalho sobre as crónicas  
do livro Deste Mundo e do Outro, de José Saramago**

**7 novembro**

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO, LISBOA, 18H30.

**Sessão com António Meça Ferreira sobre a poesia  
de José Saramago**



**14 novembro**

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO, LISBOA, 18H30

**Sessão com Jorge Vaz de Carvalho sobre a música  
na obra de José Saramago**

**5 dezembro**

FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO, LISBOA, 18H30

**Sessão com Carlos Reis sobre o romance  
saramaguiano**

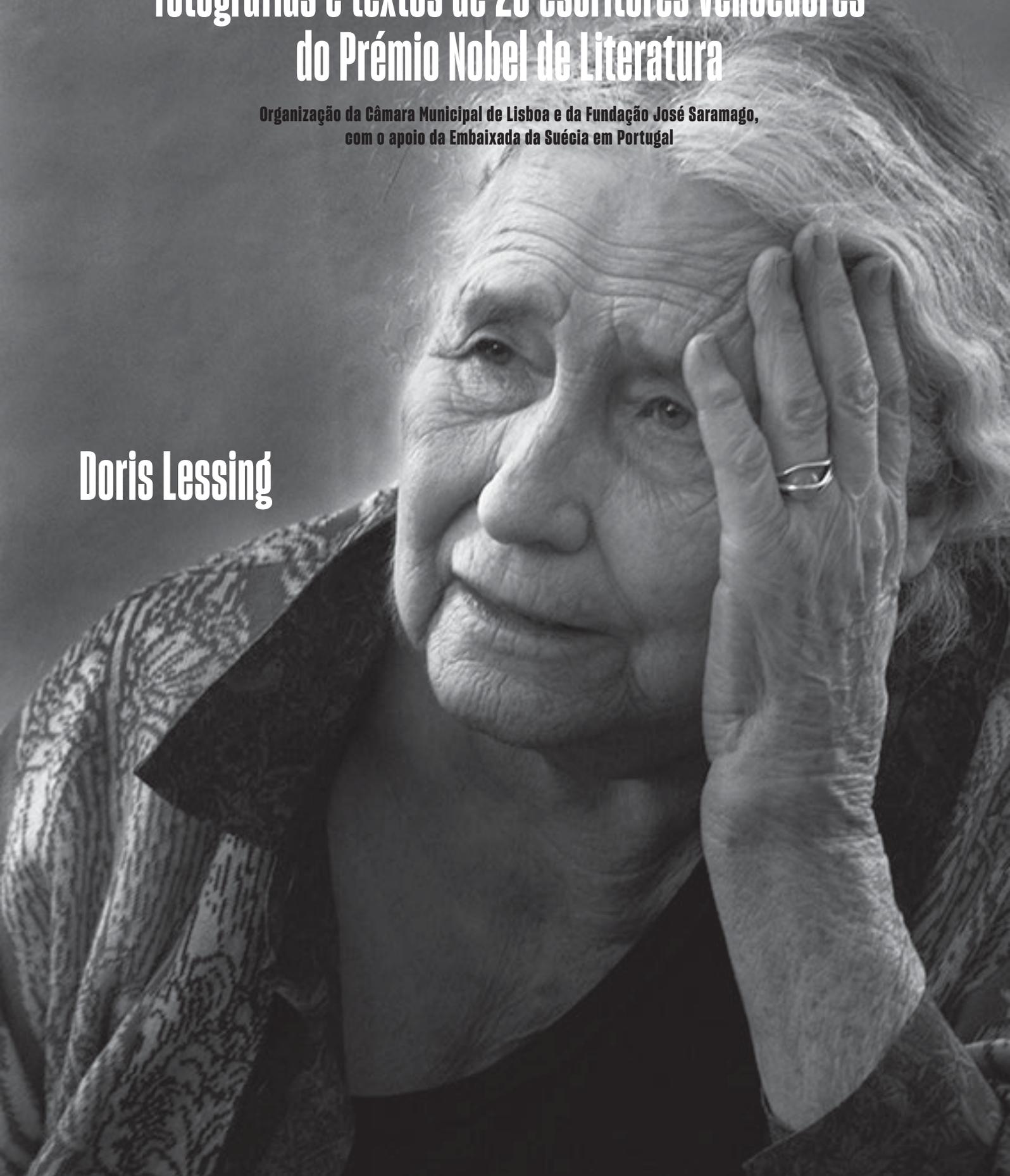
**10 dezembro**

TORREÃO POENTE DA PRAÇA DO COMÉRCIO

**Abertura da exposição «Silêncio e Memória», com  
fotografias e textos de 23 escritores vencedores  
do Prémio Nobel de Literatura**

Organização da Câmara Municipal de Lisboa e da Fundação José Saramago,  
com o apoio da Embaixada da Suécia em Portugal

**Doris Lessing**



**14 dezembro**

MUSEU DO ESTADO DO PARÁ (BELÉM DO PARÁ, BRASIL)

**Inauguração da exposição «Saramago – os pontos e a vista», curadoria de Marcello Dantas**



**15 dezembro**

DR

GRANDE AUDITÓRIO DA CULTURGEST, LISBOA, 19H

**Estreia mundial da sinfonia Memorial, de António Pinho Vargas, num concerto de celebração dos 70 anos da Declaração Universal de Direitos Humanos**

**Continuarei a dizer que a literatura  
não muda o mundo, mas cada  
vez mais vou tendo razões para  
acreditar que a vida de uma pessoa  
pode ser transformada por um  
simples livro.**

***Último Caderno de Lanzarote***

**José Saramago**